

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

UNIDADE E DIVERSIDADE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO.
HOLAMBRA: A EXISTÊNCIA DO MUNDO NO LUGAR

SAMIRA PEDUTI KAHIL

ORIENTADOR: PROF. DR. MILTON SANTOS

**TESE APRESENTADA AO DEPARTAMENTO
DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE
FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO, PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
DOUTOR EM GEOGRAFIA HUMANA.**

SÃO PAULO, JUNHO DE 1997.

Para JOSÉ e JOÃO, esses habitantes.
Que sua geração veja
as maravilhas que assistem no mundo!

PROFESSOR MILTON SANTOS
é com muito carinho que agradeço
seu exemplo de coragem à exegese.

Estou agradecida a CAPES pela bolsa concedida. Ao Departamento de Planejamento Regional - UNESP - Rio Claro, pelo incentivo. Meus alunos e a turma da pós-graduação - USP, pelo estímulo.

Agradeço à minha MÃE, ao meu PAI e à minha IRMÃ pela alegria de nos amarmos. Ao BETO por estar por perto. À LÍGIA pelo companheirismo.

Por terem estado comigo, agradeço a todos.

SUMMARY

O trabalho manteve a preocupação de reconstituir os aspectos principais do “tema globalização” no processo histórico das grandes transformações técnicas reconhecendo-o num lugar: Holambra. Em sua unidade com o mundo, o lugar em determinadas circunstâncias, o (re)-produz, produzindo a diversidade.

Discute-se Holambra como um lugar onde encontramos as tendências de realização do mundo na manifestação do fenômeno técnico, em si mesmo um modo de ação, força motriz e explicativa do processo de unificação entre o lugar e o mundo.

Há uma vocação dos holambrenses quanto a essas realizações, que forma o mito coletivo do fazer. Um “fazer” simultâneo e que se equilibra, iguala em necessidade, impulso e objetivos. Na escala, nos limites e nas condições possíveis do humano. E é por essa razão que se pode enxergar a nova localidade sempre à luz de novas realidades.

SUMMARY

The work retained the notion that what makes truly reconstitution of the main aspects of “globalization themes” within the historical process of the great technical changes, when I get the place and facts of Holambra. In its unit with the world, the place under determined circumstances reproduces the world and produces the diversity.

People discuss Holambra as a real place where we find the manifestation of technical phenomenon which is in itself a way of acting, a motor force that explains the process of unification between the place and the world.

There’s a tendency of the inhabitants of Holambra as for these performances, which constitutes the myth of doing. A simultaneous “doing”, and which appears as a balanced blend of need, impulse and aims. On the scale, and within the limitations and conditions possible to human beings. And it is for its very reason that man is able to see the new place under the light of new realities.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I - A CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO	10
1.1 Um projeto holandês de emigração para o Brasil: a criação de uma imagem	10
1.2 Desterritorialização holandesa: quando nem tudo é um mar de rosas.....	16
1.3 Holambra: territorialidade nova.....	19
II - HOLAMBRA: FORMAÇÃO DE UM LUGAR (A MEMÓRIA E O EVENTO)	24
2.1 Fazendeiros da Holanda: vencendo a natureza	24
2.2 Da memória se fez um mundo no lugar: tudo por fazer na Fazenda Ribeirão	28
2.3 Da racionalidade técnica organizacional à racionalidade da produção	36
III - VENCENDO DISTÂNCIAS: HOLAMBRA TEM PRESSA	41
3.1 Verticalização do sistema agropecuário: integração e poder econômico.....	41
3.2 Geração e adoção de novas tecnologias de organização produtiva na Cooperativa Agropecuária Holambra - CAPH - 1988 / 1991.....	47
3.2.1 Crise econômica: nova fase de reestruturação da Cooperativa - 95 / 96.....	56
3.3 Vocação do lugar à modernização: a especialidade técnica faz a diferença	58
3.3.1 O canteiro de flores holambrense: densidade artificial da produção.....	59
3.3.2 Sistema de circulação e distribuição de flores: controle técnico do tempo.....	61
3.4 Urbanização corporativa do espaço holambrense.....	67
3.5 O processo de emancipação do município: contratempo ou saída para crise da CAPH?.....	69
IV - HOLAMBRA: A CIDADE DAS FLORES	77
4.1 A cidade como instrumento do mercado de flores: alta produtividade espacial	77
4.2 Atividades culturais: sob o signo das flores.....	79
4.3 Turismo: vocação estratégica	81
V - CONCLUSÃO	84
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
VII - BIBLIOGRAFIA GERAL	98

Lista de Tabelas

Tabela	Página
1 Exportação de Plantas Vivas e Produtos da Floricultura - US\$ - FOB.....	53
2 Quantidade Comercializada de Rosas e Crisântemos na CEAGESP.....	62
3 Distribuição dos Empregos por Ramos de Atividade Econômica, Segundo Faixa de Rendimento Médio Mensal - HOLAMBRA: 1993.....	67

Lista de Figuras

Figura	Página
1 Mapa Altimétrico da Holanda	18
2 “Cidade de Vidro” (Westland - Holanda).....	28
3 Polder Haarlemmermeer, criado em 1852.....	29
4 Vista da Holambra, 1954	33
5 Área de Produção de Cítricos, Holambra - 1970.....	38
6 Divisão Administrativa do Município de Holambra	70

INTRODUÇÃO

Diz-se que as ações conformam o espaço, segundo uma finalidade consciente ou inconsciente. Pergunta-se como ele, que é materialização dessas ações, reproduz reciprocamente o modo de ação?

Creio que formulava uma questão banal e ingênua, quando me propus de respondê-la. Muitas vezes, sem me dar conta, trilhei caminhos dogmáticos, optei pelas dualidades, cruzei-me com a filosofia, a física, a sociologia e a arte. Cada vez, parecia encontrar-me mais distante do problema central e, cada vez mais, me dava conta das limitações de meus conhecimentos e da pequenez de minha cultura. Contudo, vejo agora ser muito mais importante a busca para alcançar a simplicidade¹ que procurar dar respostas rebuscadas e complexas, a partir de uma simples questão.

Percorremos um longo caminho de reconstrução de conceitos que nos pareciam obscuros e outros que não mais davam conta da realidade como se nos apresentava. Ao longo da investigação, entre os vários problemas que se nos colocavam a cada leitura, o maior deles residiu nas vacilações referentes à própria formulação do objeto, dado que partíamos de nossas próprias interrogações, que no início, não tinham seus contornos bem definidos, tal como apareceu no meio da jornada.

¹ Seria injusto não lembrar aqui o momento em que me dei conta da importância deste objetivo. Foi em companhia da Professora Helena Cordeiro e do Professor Milton Santos, numa pausa para o almoço em Toluca, 1991. Num gesto corajoso ou de fraqueza, frente aos professores, citei Heidegger, autor que eu lia aspirando encontrar solo seguro para minhas respostas. Com sua perspicácia, o Prof. Milton Santos indicou o caminho que nos conduziria à necessária simplicidade do pensamento. Hoje eu tenho à memória o seu dizer traduzido nas palavras de Heidegger *“Podemo-nos arriscar a dar o passo que vai da filosofia ao pensamento do Ser, desde que na origem do pensamento respiremos um ar natal.”* *“O Simples guarda o enigma do que permanece e do que é grande.”*

Quase simultaneamente, desenharam-se o objeto, as questões centrais e os caminhos da pesquisa. O objeto definiu-se em torno das novas características técnico-científicas que, no período atual, como nunca na história, redefinem o espaço como um conjunto de sistemas de objetos e de ações, cada vez mais obedientes a uma racionalidade funcional e perfeitamente adaptados à ordem do sistema. As questões centrais começam com a interrogação sobre como essas formas técnicas dos objetos e ações, aparentes ou não na paisagem, e as finalidades que as presidem, comandam a vida em todo o planeta, em todos os lugares e cotidianos.

Nos caminhos da pesquisa, procuramos reconstituir os aspectos principais do tema “globalização” no processo histórico das grandes transformações técnicas e, restringindo o espaço de observação, reconhece-lo num processo que pode separar-se do mundo: um lugar. Este processo é o concreto, um acontecimento do mundo, pertence ao mundo. O lugar no mundo não pode ser visto como um fato isolado, mas através dele pudemos visar a um estado do mundo, portanto algo de abstrato, parcialmente criado por nossa proposição que neste trabalho quer concordar com os fatos e com o estado do mundo. O próprio mundo é um processo imensamente complexo, o conjunto de todos os processos ou todos os acontecimentos do mundo.

O próprio lugar é intrinsecamente complexo e já contém em si todas as possibilidades, por assim dizer, o mundo em preparação, de modo que não podemos prever todas as possibilidades. O lugar mantém com o mundo certa unidade e procuramos mostrar que, em dadas circunstâncias, o

(re)-produz. É no lugar que encontramos as propensões e tendências de realização do mundo.

Não há quem duvide de que vivemos um novo modo de organização da complexidade do mundo, neste final de século. O sentido das transformações, resultado da profusão das relações em escala mundial, a que chamamos de globalização, é um processo histórico de incorporação da vida material ao espaço. Este, o espaço banal, é um híbrido originário da conjugação interativa entre os sistemas de objetos, produtos das ações que, historicamente, o homem foi incorporando à natureza e, que ao mesmo tempo, condicionam a forma como se dão as ações no tempo presente.

Desenvolvemos nossa tarefa, sustentando que esse processo é a essência do modo de uma formação sócio-espacial. A instrumentalização das ações (operações), o estágio avançado da internacionalização das relações (regulações) e o ritmo acelerado e contínuo das transformações, algumas fugazes, outras duráveis no tempo, estruturam o espaço como um todo que não é senão a resultante das relações ou composições cada vez mais complexas. (PIAGET, 1979).

Assim, não é nem a soma dos elementos do espaço que constitui o espaço global; nem é ele um todo que se revela como uma totalidade, *ex nihilo nihil*.² “A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações e em seus movimentos.”(SANTOS, 1996).

² Expressão latina que significa: [de nada, nada], isto é, nada foi tirado de nada. Nada foi criado, pois tudo que existe já existia desde toda eternidade. É um aforismo que resume a filosofia de Lucrecio e Epicuro, tirado de um verso de Pérsio (*Sátiras*, III, 24) que começa “*Ex nihilo nihil*” [nada vem do nada].

O espaço global não existe a não ser como possibilidade, como essência, como estrutura que se concretiza, isto é, torna-se existência exatamente no momento do impacto das novas relações sobre as formas precedentes; nesse momento, não só o novo se produz, mas se dá como (re)-produção, (re)-criação, como obra.³

Assim visto, como uma estrutura em processo de totalização, o espaço global ganha força explicativa e significação, à medida que buscamos identificar no lugar a forma e dimensão de sua manifestação, descobrindo as regras de transformação pelas quais está constantemente sendo reestruturado.

Com o objetivo de pôr em relevo o essencial, a análise histórica da formação do lugar foi indispensável como suporte à compreensão da produção do presente. Ainda que tenha ocupado grande parte do trabalho, não teve a pretensão de ser exaustiva. Tal procedimento analítico permitiu alcançarmos a unidade do processo de totalização no movimento estabelecido pelo conjunto de relações entre o todo e as partes, entre o mundo e o lugar.

O critério de análise poderia deter-se somente no contexto teórico da reestruturação espacial das relações sócio-econômicas, presente e afirmada num caso concreto; ou poderia concentrar-se totalmente na análise empírica da maioria dos ângulos interessantes das experiências

³Damos, aqui, ao termo produção o seu sentido de conduzir ao ser ou à existência, isto é, um sentido diverso da idéia de produção tornada prisioneira da sua conotação técnico-econômica. Morin, E., *O Método I - A Natureza da Natureza*, Portugal: Publicações Europa-América, 1977, p.151. O hífen nas palavras (re)-produção, (re)-criação etc., é posto propositalmente como procedimento metodológico para denotar o desdobramento dialético do fenômeno real simples da produção, criação, etc.

locais. Poderia também querer unir os dois contextos ou selecionar alguns aspectos significativos entre eles.

Optamos por focalizar o estudo de uma localidade⁴ específica, examinando suas respostas aos desafios oferecidos, entre outros, pelo novo contexto econômico, nacional e internacional e sua capacidade inovadora para sobressair-se na luta entre os lugares, proposta pela atual dinâmica da modernidade-mundo.

A partir dessas premissas, tomamos a técnica como um fenômeno revelador das condições de existência do mundo no lugar. Visto como um modo de organização funcional das ações e objetos, isto é, como um modo de agir, o fenômeno técnico permitiu explicarmos o curso das transformações e compreendermos as ações e motivações presentes no lugar.

Tomamos os sistemas técnicos como eixo norteador do processo de explicação. Entendemos por sistema técnico o conjunto das técnicas que a cada momento vem constituir a base material da vida das sociedades. Representativos da forma como em cada época uma sociedade compartilha o espaço, os sistemas técnicos sucessivos permitem-nos o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios.

Tamanho é o peso das questões técnicas. O entendimento dos objetos técnicos como meio geográfico, que é o que nos importa, seu valor,

⁴Sobre os riscos de enfatizar-se hoje a complexidade, a diferença e a *uniqueness* nos estudos de localidade ver Smith, N. "*Dangers of the empirical turn: some comments on the course initiative*". *Antipode*, 19:1 1987 pp:59-68.

seu sentido e seu significado, só podem ser apreendido se relacionados à maneira que a sociedade deles faz uso. “O valor de um dado elemento do espaço, seja ele o objeto mais concreto ou mais performante, é dado pelo conjunto da sociedade, (...)”. (SANTOS, 1996:36).

Assim, podemos concordar com J. ELLUL quando afirma que “a técnica nada mais é do que meio e conjunto de meios” que empregamos, em todas as nossas atividades para atingir um resultado. (ELLUL, 1968:18).

A evolução dos sistemas técnicos se processa na sucessão, nas consecuições e sobreposições de conjuntos. Estes conjuntos técnicos dão ao espaço a força de testemunho das realizações históricas, a um só tempo, passado presente e futuro. Mas a quantidade de sistemas técnicos que encontramos num determinado momento e lugar só faz mudar a qualidade das relações que a sociedade estabelece com o meio. É sobretudo a proclividade do lugar para absorver as inovações técnicas que nos permite falar em acelerações, avanços, estagnações; atrasos e anacronismos técnicos.

O lugar não deve ser tomado como um repositório de novos arranjos que, num movimento linear, destrói o velho e reconstrói o novo, num incessante perturbar das posições entre elementos sujeitos a uma única direção, um tempo posterior sobrepondo-se ao anterior. Por isso, as transformações devem ser periodizadas e sua trajetória ser reconstruída para que esteja aberta a possibilidade de compreensão dos significados que os homens têm do processo de globalização da economia e reestruturação de suas relações com o mundo.

"É necessário então, apreender os processos históricos universais em suas manifestações em quadros particulares. Não basta discutir as vias de determinações do modo de produção. É preciso abordar as vias de desenvolvimento e as formações singulares pelas quais ele se expande." ⁵

O vigor da produção técnica e a veemência das realidades locais determinam uma outra configuração e interação regionais que, se de um lado criam horizontalidades no cotidiano de todos (indivíduos, coletividades, firmas, instituições), de outro criam verticalidades, por serem uma interação hegemonicamente regulada das relações desses lugares com outras áreas e pontos distantes.

É exatamente dessa diversificação e heterogeneidade acontecendo em todos os lugares, que o espaço pode ser concebido como global; que o processo de mundialização pode manifestar-se em todos os lugares. A intensificação dos fluxos engendrados por esses processos não conduzem à homogeneização do espaço-mundo, mas dela resulta um espaço híbrido ou, como preferem alguns antropólogos, conduzem a um mundo cada vez mais miscigenado. ⁶

No item I - A Construção de um Futuro, apresentamos um projeto holandês de emigração para o Brasil. O projeto de emigração, que consideramos como o primeiro momento da construção do espaço

⁵Morais, A.C.R. "Historicidade, consciência e construção do espaço: notas para um debate". in: Maria A.de Souza e Milton Santos (orgs), *A Construção do Espaço*, São Paulo: Nobel, 1986, p.46.

⁶Mattelard, A., *Comunicação Mundo - História das Idéias e das Estratégias*, Petrópolis, RJ:Vozes, 1994, p.273.

holambrense, como um movimento de desterritorialização e (re)-territorialização não se deu somente através de uma transposição de normas ou materiais do velho mundo, mas sim como uma totalidade (re)-criada no cotidiano, como territorialidade nova.

Do desterro holandês à construção de um novo meio, da pré-compreensão e domínio do uso racional dos sistemas técnicos no meio holandês, os imigrantes trazem na memória a imagem como um roteiro para a ação⁷. Na prática, a nova sociedade operou, não pela destruição de tudo que herdara do território holandês, mas adaptou seletivamente a herança do passado para uso no novo lugar. Participando da orientação às ações no território a construir, a ordem técnica vence a natureza natural do meio na Fazenda Ribeirão. (subitem 2.2).

No contexto de reestruturação da economia mundial, das transformações no sistema agropecuário brasileiro (subitem 3.1), a Cooperativa Agropecuária Holambra se apressa por adotar novas tecnologias de produção e de organização, reestruturando-se a empresa, a produção e as relações com o mercado. (subitem 3.2). Inclinado a absorver novas técnicas de produção e de comercialização, o lugar vai se tornando cada vez mais especializado (subitem 3.3).

Nesse contexto, examinamos os interesses políticos e econômicos que, transitando no espaço construído acabam promovendo a emancipação do município. (subitens 3.4 e 3.5). São esses mesmos

⁷ “A imagem é um certo tipo de consciência”. “A Imagem é um ato e não uma coisa.” “A imagem é consciência de alguma coisa”. Sartre, J.P., *A Imaginação*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989, p.120.

interesses que dirigem mais uma vez todo o projeto de urbanização do município, segundo aquela mesma racionalidade técnica com que se organizam a empresa, a produção e o mercado na Holambra. (item IV - Holambra a Cidade das Flores).

Ao restringirmos o espaço de observação, demo-nos conta do acontecer. Nós percebemos que é da perspectiva totalizadora que a simplicidade do acontecer se manifesta. Notamos que o lugar formado por componentes distintos (objetos e ações), ligados entre si por um certo número de relações (síntese dialética entre objetos e ações movidos pela própria produção), evita o ofuscamento reducionista (que só vê os elementos constitutivos) e o ofuscamento holista (que só vê o todo), para revelar a humanidade e o planeta na sua unidade, não só física e biofísica, mas também histórica.

I - A CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO

1.1 Um projeto holandês de emigração para o Brasil: a criação de uma imagem.

A idéia de um futuro restaurado que o pós-guerra de 1945 fez aproximar pelas promessas de igualdade do comunismo ou pelo devir progressista prometido pela sociedade industrial tomava corpo num projeto volitivo e corajoso de reconstruir um mundo novo de paz e justiça. No entanto, o equilíbrio que o terror atômico fez aparecer seria efêmero sob as ameaças impostas pelo conflito bipolar⁸ entre os blocos socialistas e capitalistas que se disseminavam ideologicamente por toda parte, desde 1946.

A Holanda - que ficara cinco anos sob o peso da ocupação militar alemã - temia uma nova guerra e a possível ocupação russa⁹ (que já chegara à Tchecoslováquia e bloqueara Berlim, em 1948). Somavam-se ao temor a falta de alimentos e poucas perspectivas de reprodução da estrutura camponesa, num território naturalmente pobre, exíguo e superpovoado¹⁰.

⁸ Os EUA e a Ex-URSS “viram-se comprometidos com uma insana corrida armamentista para mútua destruição, e com o tipo de generais e cientistas nucleares, cuja profissão exigia que não percebessem essa insanidade. Eisenhower, militar moderado da velha escola que se via presidindo essa descida à loucura, chamou de “complexo industrial-militar”. Hobsbown, E. *Era dos Extremos - O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p.233

⁹ Em 1949 a URSS faz explodir sua primeira bomba atômica; a Alemanha fica dividida e a Indonésia torna-se independente da Holanda.

¹⁰ A Holanda é um dos países mais densamente povoados do mundo. Assim se refere Braudel (1996:162) aos Países Baixos do século XVI “Comparadas com o resto da Europa, as pequenas Províncias Unidas revelam-se superurbanizadas, superorganizadas, precisamente por causa da densidade da sua população (...)” - Segundo o Centro de Documentação e Informação para Geografia, na Holanda a densidade populacional era em 1973 de 396 habitantes / km². in: *Pequena Geografia da Holanda*, Bureau Informatie - en Documentatie Centrum voor de Geografie, Haia / Utrecht, 1974.

Se o governo holandês se mostrava reservado quanto à emigração em geral, dada a necessidade de reconstrução do país, apoiava e promovia mesmo a emigração de jovens fazendeiros que não mais encontravam trabalho, especialmente nas terras arenosas do Sul e Oeste do país. No período do pós-guerra¹¹, cerca de 67% dos jovens saíram do campo. Ou para a indústria, ou para emigrarem para outros países.

As perspectivas de trabalho na indústria eram alvo de objeções¹² morais e religiosas para a comunidade católica de fazendeiros holandeses que, reunidos na Organização dos Fazendeiros e Horticultores Católicos da Holanda, "Katholieke Nederlandse Boer en Tuinders Bond" (KNBTB), optam por promoverem a emigração e não verem seus filhos que, na sua maioria, freqüentavam escolas agrícolas na agitada e degradante vida das cidades. Em 1947, a KNBTB cria a Fundação-Emigração, com a tarefa de ocupar-se do problema, divulgando o projeto através das organizações regionais, rádios e jornais e, através de comissões, realizar contatos com países que aceitassem a imigração em grupo.

¹¹ "As populações dos Países Baixos participaram e participam ainda, de maneira muito importante, do movimento migratório internacional" (...) "No conjunto dessa massa demográfica que deixou a Holanda, (...) há uma corrente de emigração organizada, estabelecendo-se as pessoas em grupos eficientemente estruturados, (...) no entanto "(...) a maior parte dos países de destinação pronunciaram-se contra este tipo de imigração, (...) sob a alegação de que essa forma encorajaria a formação de minorias étnico-culturais, as quais poderiam apresentar problemas de aculturação e relacionamento com o restante da população do país que os acolhesse." Avanci, A., *A Colonização Agrícola Holandesa no Estado de São Paulo Holambra I*, São Paulo: Instituto de Geografia, 1971, p.10.

¹² Tais objeções se fundavam na idéia e na perspectiva de que a vida na cidade tornava inoperante o trabalho como um dever ético do homem; enfraqueciam as tradições religiosas e culturais, devido ao crescimento de um hedonismo consumista, cuja propagação arruína a infra-estrutura moral das sociedades industriais, onde os processos de racionalização técnica e organizacional parecem resultar na eliminação do fator humano e de suas faculdades morais. Offe, C. *Capitalismo Desorganizado*, São Paulo: Brasiliense, 1989, p.183

O projeto de emigração em grupo tinha como objetivo garantir aos jovens fazendeiros holandeses não só o suprimento das necessidades materiais, mas também garantia de continuidade da solidariedade espiritual católica.

A razão mais profunda desse projeto de preservação dos vínculos de caráter agrário, corporativo e religioso, desvenda-se como movimento contra o domínio da moderna cultura urbano-racionalista - em que um modo de vida caracterizado pela preponderância do que se poderia chamar de “o espírito objetivo” em prevalência “ao espírito subjetivo”, se erguia como garantia de liberdade, de autonomia e individualidade do homem. (SIMMEL, 1902, 1987:23).

Na Holanda, há muito, a natureza havia cedido lugar ao artefato e a racionalidade revelava-se na natureza instrumental do meio. Mas, enquanto “os sistemas lógicos evoluem e mudam, os sistemas de crenças religiosas são recriados paralelamente à evolução da materialidade e das relações humanas.”(SANTOS, 1994a:16)

Tanto a Igreja Católica Romana como a Igreja Luterana apóiam os camponeses europeus em seu modo de vida conservador. “O movimento cooperativo rural tem, em proporções acentuadas, a direção de clérigos que são os únicos capazes de liderança nos distritos rurais”. (WEBER, 1946,1979:421)

Nas Províncias Unidas, a prosperidade do conjunto urbano e o aumento populacional que se fizera não só a partir da população residente, mas também como obra dos imigrantes que, fugindo das guerras e das

perseguições religiosas dos séculos XVI e XVII ou atraídos por uma economia que se mantinha como centro mundial até o século XVIII, aí faziam conviver as querelas religiosas entre luteranos, dissidentes protestantes e católicos. (BRAUDEL, 1996:167 e 168).

Poder-se-ia imaginar um “centro” do mundo que não fosse tolerante?”, pergunta Braudel. No entanto a liberdade ali ter se tornado regra, pendências puderam ser notadas quando da promoção da emigração para o Brasil.

Do Brasil e da França - países que aceitam a proposta de colonização - as informações que chegavam, apesar de serem encaradas com prudência, eram otimistas.

O Estado de São Paulo, através do Departamento para Colonização, intermediava duas propostas de negociação de terras - a Fazenda Monte d'Este, de colonização japonesa e que o Governo Federal preferia manter sob domínio - os problemas da guerra ainda se faziam sentir¹³, e a Fazenda Ribeirão, 5000 hectares da firma americana Armour - que viria a ser o território da Holambra. O Brasil, governado por Gaspar Dutra (1945-49) mostrava-se disposto a fornecer capital¹⁴ para a compra de máquinas e construção de moradias.

¹³ Sob defesa da imprensa o estado brasileiro garantiria a continuidade da comunidade japonesa na Fazenda Monte d'Este.

¹⁴ O “primo pobre” da família de países sustentados pelo Plano Marshall, um projeto maciço, nos relata Eric Hobsbown, para recuperação européia, lançado em 1947, e que submetia economicamente os aliados da EUA e Japão, com desesperados problemas de pagamento, sedentos por todo dolar que o plano prometia, não por empréstimo mas, como verba. Hobsbown, *op. cit*, 1995, p.234.

Estiveram no Brasil, neste período, representantes holandeses enviados pela Organização Católica (KNBTB) e, ao mesmo tempo, representantes da Fundação Emigração Holandesa, Stichting Landverhuizing Nederland (SLN), órgão do Governo Holandês que viera supervisionar as negociações. As intervenções da SLN nas negociações foram denunciadas na Holanda pelos representantes católicos como “ações claramente anticatólicas de pessoas que nos consideram uma espécie inferior de holandeses”¹⁵

Heymeijer, representante católico que intermediou todo o projeto de criação da Holambra, mais que ninguém, transmitia, em reuniões, artigos e livros que escreveu, os ideais e receios da época: “À medida que a técnica quebra o isolamento do século em que vivemos, crescem os perigos da imprecisão e superficialidade, de perda das tradições, de perda da cultura, (...) temos de conservar o que é típico do homem do campo; temos de estar cientes de nossos próprios valores, nosso dever, nossa nobreza de fazendeiros.” Neste mesmo livro, organizado por Heymeijer, *Nós Fazendeiros*, um artigo de Win van Eyck traz também aqueles ideais transmitidos aos emigrantes: “...pioneiro quer dizer construtor de sua própria existência;(...) significa criar sua própria família no campo, o que para muitos é impossível na pátria. Isso significa ser fundador de uma geração de fazendeiros em um novo país. Fazendeiros jovens, deixem o espírito típico holandês, a coragem, o espírito de criador tomar conta de vocês! Preparem-

¹⁵Heymeijer, J.G. *Wij boeren*, Heemstede, 1941. in: Smits, M., *Holambra, Geschiedenis van een Nederlandse toekomstdroom in de Braziliaanse werkelijkheid - 1948 / 1988*, Nijmegen: Katholiek Documentatie Centrum, 1990, p.23. - tradução livre de um migrante, Sr. Guilherme

se para a tarefa futura! Ousem criar uma geração holandesa de fazendeiros no exterior muito distante, transferir sua cultura e sua tradição!”¹⁶

Em setembro de 1947, na Holanda, foi criada a “Holambra Sociedade Civil e Colonizadora” que iria servir de instrumento jurídico de apropriação das terras da Fazenda Ribeirão, lugar onde viria a ser fundada a Cooperativa Agropecuária do Núcleo Holandês Ribeirão, em 14 / 07 / 48. A compra pelos holandeses das terras da fazenda de propriedade da Armour foi financiada pelo Estado brasileiro¹⁷ e a construção das casas, financiada pelo governo do Estado de São Paulo.

O primeiro grupo de 32 emigrantes partiu de Antuérpia em 19 de dezembro de 1948 e chegou ao Brasil em 12 de janeiro de 1949. Em julho, já estavam na fazenda 294 holandeses para trabalharem. Para organizar todo processo de seleção dos emigrantes, remessa de máquinas, adubos, sementes, gado e material de construção necessários para os inícios do trabalho no Brasil, isto é, para cuidar dos interesses da Cooperativa, foi criada, em Haia, a Fundação Holambra. Hoje a sede fica em Roermond.

Todo um sistema organizacional foi montado para abrir aos emigrantes um mundo imagético de possível construção de um território, onde o modo de ação (que lhes era familiar), sua cultura, sua história se reproduziriam sem estranhamento.

¹⁶ *idem, ibidem, p.24.*

¹⁷ O Brasil era governado àquela época pelo General Eurico Gaspar Dutra, eleito pelo Partido Social Democrata em 1945; o Estado de São Paulo, governado por Adhemar de Barros.

1.2 Desterritorialização holandesa: quando nem tudo é um mar de rosas.

O Brasil, nesse período do pós-guerra, “entrava numa fase em que, ao lado do crescimento, sob certos aspectos, de suas forças produtivas e de diversificação de suas atividades econômicas - em particular no que diz respeito ao progresso industrial - se verificarão acentuados e crescentes desequilíbrios e desajustamentos”. (PRADO JR., 1945, 1972:301). O *déficit*¹⁸ crescente da balança comercial impõe, por parte do governo, o controle das importações, estabelecendo, em 23 de fevereiro de 1948, uma legislação regulativa das importações: um sistema de licença prévia que iria restringir exatamente as importações essenciais ao desenvolvimento do país.

As dificuldades atingiriam também os imigrantes. Uma grande remessa de sementes estava estragando na Alfândega Brasileira, por falta da licença de importação. Das 300 cabeças de gado holandês que chegaram ao porto de Santos, muitas morreram no período de quarentena, no Parque da Água Branca, em São Paulo.

Mesmo que os primeiros imigrantes preparassem a fazenda para a chegada do grupo de colonos, a reação seria de perplexidade e de desorientação.

A Fazenda Ribeirão, situada a 130 km da capital do Estado, São Paulo, entre os municípios de Campinas e Moji-Mirim, foi intensamente usada para a produção de café e depois utilizada pela Armour para criação

¹⁸ A falta de dólares na Europa se refletia no Brasil, pesando negativamente na nossa balança comercial.

de gado¹⁹; tinha um solo exaurido e uma vegetação secundária que requeriam um árduo trabalho para que estivesse pronta para o uso agrícola.

A viagem do Porto de Santos até a Fazenda era feita de trem, caminhão ou ônibus. O próprio percurso, com asfalto só até Jundiá, já anunciava aos imigrantes as dificuldades por que passariam nos primeiros momentos.

As benfeitorias que encontraram, mesmo já arrumadas para recebê-los, eram de pau a pique, “piores que muitas pocilgas holandesas”²⁰. Logo foram construídas novas casas, erguendo-se, então, o Bairro do Riacho, Bairro da Cegonha e o Bairro Industrial, com armazéns, garagem, a escola.

O problema com que se defrontavam os migrantes não era tanto o trabalho que teriam para fazer a terra produzir. O trabalho camponês tem, para eles, o sentido de sobrevivência²¹. As razões que determinam suas ações se mostram através de suas “(...) idéias organizacionais, a maquinaria de seu organismo econômico individual que é a unidade

¹⁹ A produção de carne se estabeleceu no Brasil pouco antes da I Guerra Mundial e destinava-se ao fornecimento do mercado europeu. Eram empresas norte-americanas e inglesas como a Armour, Swift, Wilson que hoje fazem parte dos grandes grupos frigoríficos estrangeiros que dominam o mercado brasileiro.

²⁰ A revista mensal para jovens holandeses católicos *Ontginnig* (aug / sept 1950) dedicou seu primeiro número ao tema do meio encontrado pelos migrantes, ao chegarem ao Brasil. A palavra ‘pau-a-pique’ parece simbolizar, neste artigo, “as dificuldades e sacrifícios dos primeiros emigrantes, que com idealismo valente, suportaram viver em cabanas construídas de maneira primitiva e em péssimo estado de conservação.”

²¹ Tomamos de Chayanov esse sentido de camponês como um “...sujeito criando sua própria existência”, para quem o valor do trabalho é relativo à satisfação ou não das necessidades de consumo. Chayanov (1913 / 1988:73) assim resume: “O único critério econômico da unidade de produção camponesa consiste na correlação entre o grau de satisfação das necessidades da família e a penosidade do trabalho efetuado. Chayanov, in: Abramovay, 1992, p.59 e 60

subjetiva teleológica da atividade econômica racional, isto é, da gestão de seu estabelecimento.” (CHAYANOV, 1925 / 1986:118).

O estranhamento vinha exatamente do próprio meio. Vindos de um país onde já no século XVII “tudo era artificial, até a terra e a própria natureza” (BRAUDEL, 1996:161); onde o meio, naturalmente pobre e hostil, condenou cedo aquela sociedade a apostar na produtividade, inventando modos técnicos e científicos para vencer um território pequeno, baixo, plano e cheio²² - o meio aqui encontrado parecia-lhes vazio, adverso, ao revés da situação herdada. (Figura 1)

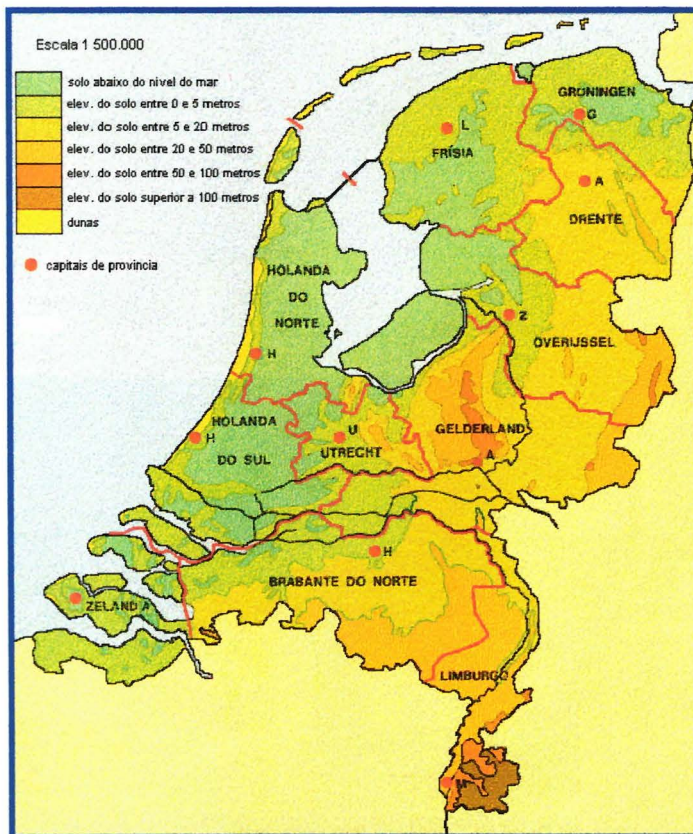


Figura 1 - Mapa Altimétrico da Holanda.

Fonte: Pequena Geografia da Holanda, 1974.

²² *Pequeno*, porque sua superfície é de apenas 36.854 km²; *baixo*, porque 27% da sua superfície se encontra abaixo do nível do mar; *plano*, porque seu ponto mais alto atinge 321m e *cheio* não só por ser cortado por grandes e pequenas vias aquáticas, mas também porque chove regularmente o ano todo (+ de 700 mm / ano). in *Pequena Geografia da Holanda*, op.cit.

À medida que o sentido de desorientação ocorre diante de um meio totalmente estranho, o migrante parece perder parte do seu ser. Não reconhecendo os objetos no meio do mundo em que se encontra, advém-lhe a sensação de ser um sujeito sem mundo, um sentimento de perda, de alienação. Esse momento do encontro com o novo meio impõe um novo aprendizado, uma compreensão, um projeto.

“O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte de seu ser que parecia perdida.”(SANTOS, 1996:263)

Desses três momentos, do sentimento de situação de já estar no mundo, da sua presença no novo lugar e da compreensão do sentido que se anuncia se constitui uma territorialidade nova em Holambra.

1.3. Holambra: territorialidade nova

Em Holambra, foram difíceis os primeiros momentos. Da adaptação ao meio natural; da incompreensão da língua aos novos hábitos alimentares, tudo era mesmo muito diverso da secular cultura holandesa.

Os sucessos holandeses no novo lugar são portadores de uma explicação: Holambra teve de ser construída antes de ser explorada. Pudemos, assim, distinguir três ordens evidentes dessa construção: o

momento necessariamente solidário para o enfrentamento da nova situação; o momento da regulação funcional da situação, e o momento em que, no processo de enraizamento, se cria uma territorialidade nova.

A perplexidade frente a um espaço que lhe é totalmente estranho, submete-os a um tirocínio de novas experiências que consolidam uma vivência organicamente solidária com o novo entorno, consigo mesmo e com o outro.

As condições hostis do meio natural com o qual se defrontam exigem, num primeiro momento, que as atividades sejam coletivas e solidárias, que deixem esquecidas e para trás as situações individuais de onde partiram, que reencontrem no outro a força para uma adaptação consciente, em que os sentidos estejam despertados, possibilitando ultrapassar a verdade que esconde os objetos e as relações sociais.

No início da colonização, toda a organização do trabalho, da produção e do consumo, era orientada pelo grupo de holandeses reunidos na Cooperativa.

Os brasileiros que aqui se encontravam e puderam acompanhar o desenvolvimento da colônia eram vistos como colaboradores que enfrentavam a mesma situação difícil. As condições de vida e trabalho muito semelhantes, permitiam uma aproximação maior entre eles.

Desde que a colônia, depois de passar por períodos difíceis de endividamento, sofre a intervenção do governo holandês, e os colonos passaram a produzir como empresas individuais, configura-se uma outra situação econômica. O relacionamento entre holandeses e brasileiros deixa

de ser uma relação fundada no valor do trabalho para ser uma relação de troca de trabalho.

Veja-se hoje a fria receptividade entre holandeses e brasileiros, muito diferente da recíproca consideração entre holandeses e brasileiros que viveram naquela época as mesmas dificuldades.

O trabalho coletivo realizado num clima de união era uma experiência nova. As dificuldades de relacionamento entre os próprios holandeses não tardaram a aparecer, já que as diferenças, nos primeiros momentos de crise econômica da jovem colônia, passam a ser contabilizadas. Entre os imigrantes havia aqueles que, ao venderem suas empresas na Holanda para poderem migrar, depositaram um capital maior na Cooperativa; havia ainda diferença na distribuição do dinheiro, necessário ao sustento dos solteiros e daqueles que tinham família; os altos gastos iniciais com infra-estrutura e o desconhecimento da produção em áreas tropicais não rendiam o suficiente para o pagamento das dívidas. Tudo isso vai desfazendo a coesão e desestruturando a organização da colônia, até que os reclamos por novos empréstimos e a ressonância da crise na Holanda fazem com que o governo holandês intervenha.

Um novo período se inicia, constituindo um segundo momento da construção da territorialidade holambrense. No momento em que as atividades se tornam individuais, privadas e não coletivas e a cooperativa deixa de ter um papel de cimento da solidariedade entre os cooperados, passa-se a regular a funcionalização das atividades produtivas, o

provimento dos bens e serviços sociais através da institucionalização de normas de propriedade empresarial.

Buscando então a exatidão funcional, tanto para as ações como para os objetos, a intervenção do governo holandês se apóia no investimento de capital e na nomeação de um comissário que viria a ser diretor presidente da Cooperativa.

Baseado num contrato redigido em holandês que não tinha validade na legislação brasileira, o novo acordo²³ que se impõe provoca uma dissidência de opiniões e uma dissipação criativa. Alguns colonos migram para construir “Não-Me-Toque” no Rio Grande do Sul e Tronco, no Paraná.

A ordem exterior, como que indiferente ao contexto do lugar, passa a vigir como norma funcional, redefinindo o projeto local em que as ações, sob uma nova aliança²⁴, submetem-se à regência organizacional das normas de privatividade. Houve conflitos na instauração. Existe no lugar um conjunto de objetos e ações que, embora muito maleáveis, solidários o bastante para provocar cismas. “Convivência necessária, conflito inevitável”. (SANTOS, 1996:270).

No movimento complementar e contraditório de reorganização do meio, uma nova configuração territorial se esboça. Como que um terceiro

²³ O documento holandês prescrevia que a propriedade das terras da Armour passaria a pertencer ao Banco Holandês até saldadas as dívidas com a empresa americana (prazo de 11 anos, até 1962). Portanto, a migração para Tronco de 59 família de colonos que se recusaram a assinar tal acordo fez crescer a dívida para os que ficavam em Holambra. Este plano ficou conhecido como “Plano dos vinte hectares”.

²⁴ Não seria a memorável “tolerância” dos holandeses de que nos fala Braudel?, op.cit., 1996, p.167, (referido acima).

momento, a força das ações dirigentes na Cooperativa redefine o projeto para o lugar, em que pese toda ordem de interesse condizente com a conformação eficiente dos objetos e ações, desde organizações sociais, econômicas, políticas e geográficas.

II - HOLAMBRA: FORMAÇÃO DE UM LUGAR (MEMÓRIA E EVENTO)

2.1 Fazendeiros na Holanda: vencendo a natureza

“Não existem solos que o homem, pressionado pela necessidade e dispendo dos imensos recursos da ciência e do trabalho associados, não possa agora transformar em ricos campos...” (RECLUS, E, *La Terre*, Paris, Hachette: 1881, *in*: Andrade, 1985: 46).

Os holandeses desde cedo se tornaram agentes geológicos desenvolvendo forças técnicas para fazer uso do seu escasso e distinto solo.

“Desde 1550, tinha-se verificado um nítido crescimento populacional dos Países Baixos, e este fato, aliado à destruição e insegurança dos abastecimentos alimentares durante a longa guerra com a Espanha,” ...fez que “os melhores terrenos fossem entregues ao plantio e recuperação dos lagos e braços do mar pouco profundos no Norte do país.” (BLAEU²⁵, 1990: 68).

“A técnica de drenagem, conhecida como *droogmakerijen*, era executada através da construção de diques em volta da água a drenar, e o seu escoamento por meio de bombas acionadas por moinhos”. (BLAEU, 1990: 68).

²⁵ Joan Blaeu nascido em Alkmaar, na província de Noord Holland (1598) foi um dos maiores editores de mapas de todos os tempos. Sua editora, a Casa Blaeu, alcançou seu auge com a publicação da sua maior realização, o *Grande Atlas* que refletiu muitas das realizações da chamada “Época de Ouro” dos Países Baixos.

“Estas tarefas são as que cabem bastante regularmente aos imigrantes alemães²⁶, pobres diabos que, depois de 1650, parecem multiplicar-se e a quem é dado o nome genérico de *Hollandganger*, os que vão para a Holanda, muitas vezes para trabalhar na melhoria dos pôlderes.” (BRAUDEL, 1996:169).

Os objetos técnicos se instalam cedo no meio holandês. Em 1662, J. Blaeu publica um atlas em que já aparecem seis mapas de pôlderes do século XVII.

A terra drenada ou pôlder ainda hoje, é particularmente utilizada como terra de agricultura. Destacam-se o projeto Schermer na Nood-Holland (1631) e o projeto Zuiderzee no Mar do Sul, de 1950. O pôlder Flevo, próximo da Randstad Holland²⁷, é utilizado como área de expansão das cidades, instalações industriais e recreio. Projetados pelo homem, esses extensos objetos técnicos, ao instrumentalizar todo meio, artificializam as ações, imprimindo ao espaço o perfil de diferentes momentos da territorialização holandesa.

Encontrando-se junto ao Mar do Norte e nos estuários dos Rios Reno, Mosa e Escalda, o território da Holanda é um espaço construído artificialmente pelo homem na sua luta *contra* as águas, para que se pudesse utilizar algum solo e, *pela* água, necessária para a navegação. “Tudo é artificial na província da Holanda, até a terra e a própria

²⁶ Da mão de obra estrangeira imigrada para os Países Baixos, no século XVII, diferente das tarefas dos judeus alemães, foi decisiva a atuação dos judeus safardistas da Península Ibérica, que se voltavam para o “domínio das trocas e, mais ainda, das especulações bolsistas”. Braudel, *op.cit.*, 1996:169.

²⁷ Conurbação a ocidente do país formada principalmente por Haia, sede do governo e Dordrecht, antiga cidade portuária.

natureza.”²⁸ Contudo não são só as forças holandesas para vencer o meio natural que urdiu toda a geografia da Holanda.

As ações exigentes de êxito se materializam nos objetos, sob o domínio da razão técnica e temporalizam o trabalho numa secular engenharia de solo. Movidas pelo motor da escassez que se multiplica pela densa população que aí se consoma, são ações exemplarmente disciplinares do conjunto de objetos e ações. Desse modo, o meio natural e as ações se determinam prontamente, criando um meio cada vez mais técnico.

“As técnicas, em todos os seus domínios, existem como autorizações para o fazer. Os graus de intencionalidade dos objetos derivam daí. Pode-se imaginar que um espaço tenderá tanto mais a se tornar um espaço racional quanto mais alto for nele o nível de artifício.” (SANTOS, 1996: 236).

A vida desses grandes sistemas técnicos instalados no território holandês se concretiza no conteúdo dos sistemas de ações nos quais as formas econômicas, políticas e culturais, como formas de fazer técnico, criam, a cada período da história, uma nova geografia.

A faculdade econômica de uma Companhia das Índias Orientais²⁹ põe em operação de forma racional toda ordem das viagens de comércio; torna a Câmara de Amsterdam, verdadeiro “armazém do mundo”, capaz de

²⁸ Esta declaração de um viajante genovês (1760), referido por Braudel, (1996,v.3:161), pode, sem erro, nos dar a medida da importância e do uso da técnica pelos holandeses.

²⁹ A Vereenigde Oost-Indische Compagnie, V.O.C., foi criada em 1602 por intervenção dos Estados-gerais do Grande Prebendário Barneweldt e de Maurício de Nassau. Braudel, *op.cit*, 1996, v.3, p.194.

empregar em 1722, 1200 pessoas. A força de uma agricultura, apostando na produtividade, desempenha, em 1570, um papel importante na decolagem da economia; a força de sete Estados³⁰ independentes, agindo em conformidade e partilhando tarefas, formam, numa rede compacta de cidades, as Províncias Unidas. São alguns elementos materiais e sociais do espaço holandês - um conjunto de sistemas de objetos e ações caracterizados por uma racionalidade técnica impregnante.(Figura -1, p.18)

No desenvolver dessa cultura técnico-científica, a horticultura holandesa vai também se artificializando mais e mais. Veja-se em Westland "A Cidade de Vidro", situada entre Haia, Rotterdam e Hoek van Holland, onde a horticultura é praticada em estufas, por empresas pequenas (em média 1 ha), produtoras de alface, pepinos e tomates (exportados principalmente para a República Federal da Alemanha) e exigindo elevada intensidade de trabalho e movimento de capital. (Figura 2)

Da memória deste meio densamente técnico, hegemonicamente perturbando o turbilhão acelerado das ações que os imigrantes holandeses, diante do inusitado, com admiração e medo, puderam construir um mundo no lugar.

³⁰ Holanda, Zelândia, Utrecht, Gueldre, Overijssel, Frísia e Gröningen.

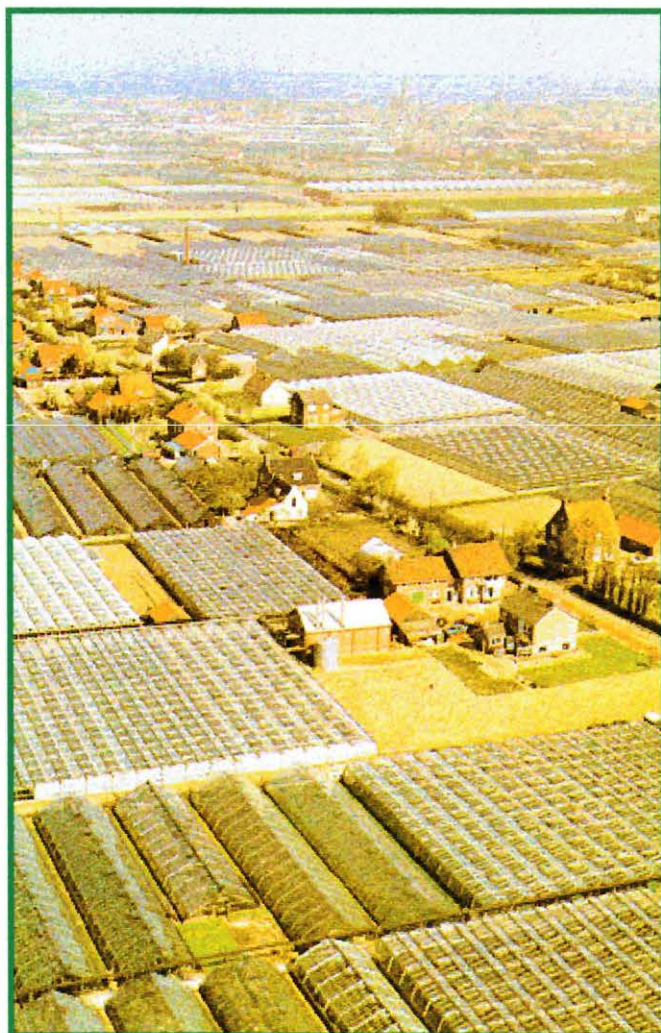


Figura 2 - “Cidade de Vidro” (Westland - Holanda).

Fonte: Pequeno Atlas Fotográfico da Holanda, 1977, p.21.

2.2 Da memória se fez um mundo no lugar: tudo por fazer na Fazenda Ribeirão

Se os emigrantes holandeses puderam imaginar um território por eles construído no Brasil, e dessa imagem fizeram um projeto, ao aqui chegarem o acontecer não poderia mesmo dar-se sem a memória daquele lugar onde o homem, no esforço de construção do seu território, teve de primeiro fazer emergir das águas seu solo - e o fez na Holanda. (Figura 3)

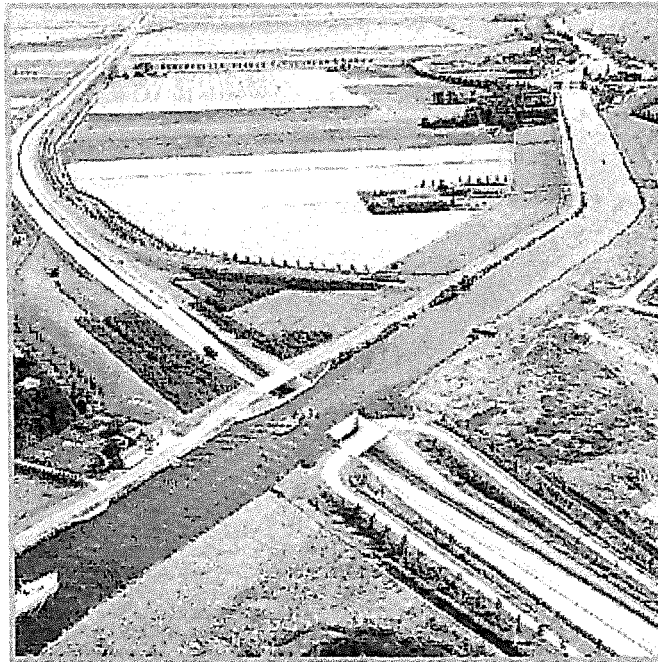


Figura 3 - Pôlder Haarlemmermeer, criado em 1852.

Fonte: Pequeno Atlas Fotográfico da Holanda, 1977, p.18.

Fazem parte do processo de criação (construção) do território a imagem e o projeto, o movimento, a memória³¹. "Uma metamorfose do real-abstrato em real-concreto, da essência em existência, da potência em ato e conseqüentemente, a metamorfose da unidade em mutiplicidade". (SANTOS, 1996: 97).

A situação européia e por extensão a holandesa dos inícios do século XX, projeta as sociedades num movimento organizacional sistêmico dos objetos e ações que hoje, quando já alcançam autonomia, possibilitam-nos perceber e experimentar suas conseqüências e efeitos, muitos dos quais nem sequer haviam sido intencionados.

Da consciência de outra eventual guerra na Europa, da escassez do território face ao importante crescimento demográfico³², da necessidade

³¹ Esta influência dos fatos passados na existência atual, H.Lefebvre propõe chamar de *Complexidade histórica ou vertical*. Lefebvre,H., "Perspectives de la Sociologie Rurale", *Cahiers de Sociologie*, 1953. (Santos, op.cit., 1996, p.224).

³² A perda das Índias Orientais resultou, para a Holanda, o repatriamento de milhares de pessoas.

de prolongarem o modo de vida camponês, os holandeses se lançam num movimento de emigração³³ que alcançaria entre outros e, de modo específico³⁴, o território brasileiro.

Compartindo aqui a composição do território brasileiro, entre o projeto de reprodução de seu próprio mundo e da memória de um território secularmente construído, os imigrantes holandeses acharam-se num mundo onde tudo estava por fazer - na Fazenda Ribeirão. Desconheciam a língua; tiveram de assimilar a situação do país; reaprender a produzir uma agricultura muito diferente da que dominavam. Tudo isso num meio ainda natural, cujo solo e clima desconheciam.

Das condições encontradas, das formas de ação coletivas às formas de fazer organizacional, desenvolveu-se uma cooperação horizontal sucedida de uma cooperação verticalmente dirigida.

Aquilo que parecia ter sido um passo atrás para os holandeses que aqui chegaram, tornou-se força para decolagem de um trabalho solidário no lugar. A solidariedade necessária viria não só dos ideais de igualdade e fraternidade, como força propulsora dos meios culturais e espirituais da ação cooperativa, mas do reconhecimento da situação de escassez que encontraram.

Nos dois primeiros anos, o trabalho coletivo³⁵, mal garantia a organização dos meios de consumo coletivos e as condições gerais de

³³“Entre os anos de 1945 e 1954, cerca de 215.472 cidadãos deixaram a Holanda, dirigindo-se para o exterior, com destino ao Canadá, Austrália, Estados Unidos, República Sul-Africana, Argentina, Rodésia e Brasil”. Avanci, A., *op cit*, 1971, p.11.

³⁴ Como já nos referimos acima, o Brasil era um dos únicos países a aceitar imigração em grupo.

produção, se fazia de forma forte e solidária. Todos os colonos decidiam em uníssono à voz diretiva da Cooperativa.

No entanto, o momento solidário das ações se esgota na sucessão dos eventos. A situação torna-se difícil por que passa o Brasil³⁶, as frustrações das primeiras colheitas; a dificuldade agravada pelas diferenças entre os imigrantes vindos em diferentes momentos³⁷ e de distintas províncias³⁸ da Holanda, com diferentes graus de experiência agrícola e diferente disponibilidade de força de trabalho familiar e de capital, criam empecilho para a tomada de decisões conjuntas. O ideal de solidariedade vai se desfazendo³⁹, a ponto de haver intervenção externa. De atores decididores das suas próprias ações, os imigrantes passam a ser meros veículos, sob o comando da diretoria da Cooperativa nas mãos do governo holandês.

³⁵ Um grupo de sete imigrantes solteiros fez grande parte dos trabalhos de reparo das casas de pau-a-pique da fazenda, para que as primeiras famílias pudessem chegar em 1948.

³⁶ “A experiência dos programas de fomento da atividade industrial lançado pelo presidente Getúlio Vargas quando empossado em janeiro de 1951, se mostrou próspero embora restrito a pequenos setores da população. Fundado em circunstâncias excepcionais como foi a momentânea e precária valorização, nos mercados internacionais, de nossos produtos de exportação, já em fins de 1952 a situação se apresentava catastrófica dado o déficit da balança comercial ter atingido um índice recorde, crescendo-se à isso a aceleração do processo inflacionário, fortemente estimulado pela descontrolada expansão dos negócios e pelas emissões feitas para atenderem ao vertiginoso crescimento das despesas públicas que acompanham naturalmente a alta precipitada dos preços provocada por aquela mesma inflação”. Prado Jr., *C.História Econômica do Brasil*, São Paulo:Brasiliense,1972, p.308 e 309.

³⁷ As primeiras cinco famílias chegaram ao Brasil em 1948, seguidas de 49 famílias em 1949 e 28 em 1950, em 1951 a comunidade contava com 673 pessoas.

³⁸ Com dialetos distintos os imigrantes vinham de Limburg, Gelderland e Nooed Brabant, além de três famílias dinamarquesas e uma indonesiana.

³⁹ Segundo Avanci essas dificuldades derivavam também de um “planejamento e execução dos trabalhos executados de maneira muito otimista, (...)” e ainda porque a estrutura coletivista “chocava-se com o desejo de alguns em dirigir, desde o início, suas propriedades (...)”. *op.cit.*, 1971,p.86

Da reorientação das ações no lugar, um rearranjo espacial configura-se. A estrutura fundiária se define, fixando-se para cada agricultor uma propriedade de no mínimo 15 ha, cujo uso deveria seguir a orientação e planejamento⁴⁰ elaborados pela Cooperativa. (Figura 4)

Mesmo que o comissário⁴¹, na diretoria da Cooperativa tenha tomado como base, para integração sistêmica da colônia, sanções⁴² de controle normativo das ações para conseguir a adesão dos colonos ao novo projeto, a aceitação deste por parte da comunidade, justificava-se à medida que seus projetos individuais tinham também o objetivo de organizar e instrumentalizar o espaço, tornando as ações e os objetos no lugar mais racionais, mais técnicos, mais eficazes.

⁴⁰ Estas orientações se referiam tanto à produção agrícola como ao plano de construção das benfeitorias necessárias em cada propriedade.

⁴¹ Na Holanda “comissão é a ordem dada por um negociante a outro para efeitos de comércio. Aquele que dá a ordem é o comitente; o que recebe a ordem é o comissário. Distingue-se a comissão de compra, a comissão de venda, a do banco (...).” Braudel, F., *op.cit.*, 1996, v. 3, p.221. O Sr. C.J.J.Hogenboom vem ao Brasil (1950) como comissário do Nederlandse Bank (Banco Central Holandês).

⁴² “A sanção como meio de controle social consiste ou em fazer o ator aderir às normas que prevalecem num grupo social, ocupando o seu papel social como socialmente definido e individualmente esperado, ou em eliminar o ator que se nega a assumir esses papéis, expulsando-o do grupo.” Freitag, B., *Itinerários de Antígona - A Questão da Moralidade*. Campinas SP: Papyrus, 1992, p. 149. Pelo que pudemos levantar com a leitura de jornais da época e principalmente da tradução livre do livro de Smits, M., *op.cit.*, 1990, a atuação do comissário do governo holandês que viria acumular o cargo de presidente da Cooperativa, era não só eficaz mas dura na condução dos negócios econômicos da empresa. Por ter em seu poder o controle do capital financeiro disposto pela Holanda para recuperar a situação da colônia, o Sr. Hogenboom fez os imigrantes assinarem documentos de submissão às suas instruções e recomendações transferindo mesmo para si o controle completo de todo os bens inventariados de cada colono. Aqueles que não concordaram em assinar este documento e nem o contrato de financiamento (acima citado) tiveram que sair da Holambra.



Figura 4 - Vista da Holambra, 1954.

Fonte: Foto cedida pelo Sr. Guilherme

“O bom uso dos instrumentos de planificação exige direção política eficaz.” (LEDROUT, 1968:55). É assim que da associação entre a ação de planejamento⁴³ estratégico adotada pela nova direção da Cooperativa Agropecuária Holambra (CAPH), a incorporação de novos meios técnicos, a definição de um modelo geométrico da divisão fundiária e a vocação empresarial do imigrante holandês, que o meio natural aqui encontrado pelos primeiros imigrantes holandeses se recria como meio instrumentalizado, um meio técnico e organizacional.

Nos anos 80, as transformações desencadeadas pelos novos fatores de produção já aparecem muito mais delineadas no espaço da produção agrícola brasileiro.

⁴³ “A estrutura física do espaço neste núcleo de colonização reflete um planejamento geral através do qual se dispôs um conjunto de pequenas propriedades, servidas por uma rede de caminhos que convergem para um centro, o qual abriga uma série de serviços para a comunidade e que se localiza na antiga sede da Fazenda Ribeirão, cujos traços ainda podem ser notados em algumas construções.” Avanci, *op.cit.*1971, p.101.

A produção se artificializa, a circulação das mercadorias e do capital é exponencialmente mais rápida, a distribuição é mais disseminada e a integração desses momentos do processo produtivo é organizada visando à precisão do sistema.

O investimento em técnica e ciência pelo setor agroindustrial brasileiro, a modernização da agricultura, dotou a área rural de uma configuração territorial nova. Talvez mesmo, isso justifique a afirmação de ter sido esse setor o responsável pelo *boom* econômico do interior do Estado de São Paulo. Enquanto o crescimento da indústria paulista reduz sua participação no setor industrial nacional (1980: 46,98%; 1985: 43,92%), o setor agropecuário cresceu 35%, no mesmo período⁴⁴

O território passa ser mais integrado de um lado, pela ampliação das infra-estruturas de distribuição da produção, por fluxos de comunicação, transações e influências, que encurtam caminhos, agilizam decisões e ampliam mercados. De outro lado, acumulação do capital implica a absorção e integração das empresas e a ampliação da base produtiva em todo território.⁴⁵ "Desse modo, as remodelações que se impõem, tanto ao meio rural quanto ao meio urbano, não se fazem de forma indiferente quanto àqueles três dados: ciência, tecnologia e informação."(SANTOS, 1993:37)

⁴⁴ Dados do Relatório Final da Pesquisa: *Poder Econômico da Indústria do Estado de São Paulo*, Coordenada pelo Prof.Dr.Fancisco de Oliveira - São Paulo:CEBRAP, abril / 1992 (mimeo)

⁴⁵ As ações que denotam esse novo modo de integração podem ser encontradas na eficácia mercadológica do Veiling Holambra, no desenvolvimento de novos cultivos (mais de 1000 variedades), nos acordos de *royalties* com empresas da Holanda, dos EUA, do Japão. (Entre outras, essas ações compõem exemplos em nossa análise do espaço holambrense nos itens adiante)

Se a informação contida nos objetos técnicos (biotecnologia, sementes, adubos, estufas, sistemas de irrigação, etc.) remodelam a paisagem rural, a esta soma-se a voragem com que os sistemas de informação (rádio, tv, telefone, *fax-modem*) permitem o processamento instantâneo das informações em rede, produzindo uma solidariedade funcional intra-setorial e internacional. No domínio das firmas, o reordenamento das informações é tomado como estratégia de ação visando à eficácia e à fluidez das relações de trabalho, do giro do capital, da disseminação e domínio dos mercados.

Na Cooperativa Agrícola de Holambra (CAPH), o novo princípio organizativo adotado vem transformando as operações produtivas do município⁴⁶. Ela ainda permite estruturar-se como "esfera institucional autônoma da vida social". (Permita-se usar a expressão de Karl Polanyi).⁴⁷ A personalização da empresa e a hegemonia das relações de solidariedade funcional amalgamadas aos sistemas de objetos e de ações, sustentam uma identidade local envolvida e vinculada à própria estrutura organizativa da CAPH.

É do reflexo daquele padrão reflexivo instrumental e organizativo adotado da tecnociência que se reestruturam o processo produtivo, o organograma gerencial da empresa, as redes de informações e de comercialização e, na mesma medida, o município constrói sua identidade,

⁴⁶ Desde 1991, no lugar da antiga fazenda Ribeirão, encontra-se o município de Holambra, cujo processo de emancipação analisamos a seguir - subitem 3.5 O processo de emancipação do município: contratempo ou saída para a crise da CAPH..

⁴⁷ Polanyi, K., *A Grande Transformação - As Origens de nossa Época*. Rio de Janeiro:Ed.Campus, 1944 / 1980.

seguindo os mesmos parâmetros para a organização da esfera da vida social.

2.3 Da racionalidade organizacional à racionalidade da produção.

Se a vocação originalmente técnica do conjunto de objetos e ações holandeses, sobrepôs-se na existência atual da comunidade holambrense, produzindo uma complexidade vertical, não tardou para que os imigrantes aí reunissem àqueles vetores⁴⁸ verticais de racionalização organizacional, imposta pela nova diretoria da CAPH; uma racionalização da produção para que pudessem obedientemente cumprir os contratos de financiamento que assumiram. De tal reunião, uma complexidade horizontal se produz a partir da interação maior com o lugar, dado o desenvolvimento técnico-produtivo e a reestruturação das relações sociais.

A orientação das atividades se voltam para o mercado e elas são ações que mais se aproximam do típico lavrador holandês acostumado ao comércio.⁴⁹

A orientação para uma atividade mais especializada e de qualidade foi substituindo os primeiros experimentos produtivos dos colonos que, até meados dos anos 50, produziam em suas propriedades café,

⁴⁸ O reconhecimento de que um número sozinho é insuficiente para descrever alguns conceitos físicos, marcou um avanço distinto na investigação científica. “É essencial uma direção além de um número para caracterização de uma velocidade por exemplo. Tal quantidade possuindo tanto grandeza quanto direção é chamada *vetor*.” Einstein, Albert e Infeld, L., *A Evolução da Física*, (1938), Rio de Janeiro:Ed.Guanabara, 1988,p.22.

⁴⁹ “O que a política e a vida holandesas não cessam de defender e de salvaguardar em meio às peripécias favoráveis e hostis que atravessam é um conjunto de interesses comerciais”. Braudel, *op.cit.*, 1996, v.3, p.186

cítricos, arroz, trigo, mandioca, batatas e alguma criação de vacas, frangos e porcos.

A especialização por empresa permitia o aumento da área cultivada por produto e a racionalização eficaz no uso de equipamentos e insumos. A substituição foi se fazendo ao ritmo do projeto e da instrumentação técnicos. Se até 1962 encontravam-se ainda 24 variedades de produtos⁵⁰, em 1966 se reduzia para 9 produtos, responsáveis por 95% do valor das transações comerciais⁵¹.

Além da especialização por empresa, na década de 60⁵², promovia-se uma intensificação da produção, possibilitada, em parte, pela política agrícola do governo brasileiro que exigia dos Bancos a abertura de crédito para o setor. Se a situação do país passava nos primeiros cinco anos da década por uma situação ainda recuperável, a bruta força de um regime autoritário e a custa da dispensa de contrariedades, se instalam e instauram, sob a tutela de vantagens internacionais, um crescimento econômico que, criando uma imagem milagrosa, se fazia distintamente partilhado.

⁵⁰ Herbers,R.G., *Cooperativismo e desenvolvimento de comunidade rural: o caso de Holambra*. Dissertação de Mestrado Unicamp, Campinas, 1989.

⁵¹ Segundo Avanci,(1971:39) em relação ao total a produção de ovos era responsável por 33% do valor comercializado; enquanto as aves, 21%; a soja, 9%; os cítricos, 8,8%; algodão, 8,1%; a cana, 6,1%; suínos, 3,3%; bulbos e flores, 3,2% e bovinos, 1,8%.

⁵² Nos inícios da década de 60 havia ainda um intenso dinamismo da economia brasileira. Muitos acreditaram que resultaria em desenvolvimento social; outros usaram esses índices como fonte de legitimação de um poder que gerava na verdade tantas injustiças. Em 1961 o índice de crescimento econômico havia sido de 7,7%, em 1962, de 3,1% e em 1963, de apenas 2%. São inúmeras as causas dessa queda do ritmo de crescimento econômico: inflação, diminuição dos investimentos, questões políticas nacionais fortemente agravadas por interferência do poder norte-americano, etc.. Ver, nesse sentido, Basbaum,L., *História Sincera da República - de 1961 a 1967.*, São Paulo: Alfa-Omega, 1975 e Furtado, C., *Brasil, a Construção Interrompida*, Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1992.

Em 1963, 76 das 125 empresas da Cooperativa produziam ovos, fazendo aparecer nas fazendas vários galpões de criação para até 3.000 cabeças. A produção de ovos quintuplicou entre 1960 e 63 e voltou a duplicar entre 1967 e 68. O frango de corte que até 1963 era produzido por apenas 3 empresas, em 1973 já era especialidade de 39 empresas. Em 1967, a Cooperativa instala um matadouro, cuidando também da embalagem e da comercialização da produção.

A soja e os cítricos vão ganhando terreno em volta dos galpões de poedeiras e de criação de aves. Em 1973, 56% da área da fazenda estava coberta por cítricos (Figura 5). Neste setor, a Cooperativa se responsabilizou pela seleção e embalagem da produção.



Figura 5- Área de Produção de Cítricos, Holambra - 1970.

Fonte: Foto cedida pelo Sr. Guilherme

A produção de flores até 1968 não era expressiva entre os produtos da agricultura holambrense. A orientação da Cooperativa era que esse produto não encontraria mercado no Brasil. Três famílias⁵³ que chegaram à fazenda em 1959, contrárias a essa orientação, insistiram na produção, investindo elas mesmas na comercialização levando o produto para o CEASA em São Paulo, na instalação de irrigação e construção de câmeras frigoríficas. Esses produtores, devido à necessidade de mais terras para sua produção, foram os primeiros colonos a adquirirem terras fora da fazenda. Em 1970 / 71, essas três famílias eram responsáveis por 98% da produção total de flores da Holambra.

Todos esses momentos da transformação da base produtiva da Holambra aparecem tanto na vocação racional das ações aí historicizadas e geografizadas, como na vocação originalmente técnica dos objetos que aí vão se instalando funcionalmente. Do movimento conjunto desses objetos e ações, existindo na eventualidade dos momentos de transformação, quando o conjunto das funções mudam de qualidade e quantidade, é que é possível reconhecermos no lugar uma formação sócio-espacial singular no meio de um mundo que, recíproca e hegemonicamente, dela participa.

Se a ação não se dá sem que haja um objeto, como conteúdo deste as ações dão forma e transformam, movimentam e instalam o evento. Como *quanta*⁵⁴ de ação cuja trajetória individual perturba o fenômeno, o

⁵³ Vindos do norte da Holanda os De Wit, Bakker e Schoemaker são até hoje os principais produtores de flores da Holambra

⁵⁴ Com cuidado para não banalizar as Teorias da Física, vamos tomar alguns de seus conceitos, com coragem para superarmos as dificuldades que têm colocado, para o nosso entendimento da natureza, - de enorme pertinência para nosso tema - a descoberta (1901) por Max Planck do *quantum* universal de ação. "Ele expressa uma característica da

evento é sempre parte integrante do processo de totalização, mas “só é identificável quando se perfaz e se completa”. “E o evento somente se completa quando integrado ao meio.” (SANTOS, 1996:76 e 77).

globalidade nos processos atômicos que impede a distinção entre a observação dos fenômenos e o comportamento independente dos objetos, característica da concepção mecanicista da natureza”. Bohr, Niels, *Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1937*, R.Janeiro:Contraponto, 1995, p.124. Estamos utilizando a noção de *quanta* de ação admitindo que a quantidade de ações eventuais, incidentes num lugar até agora consideradas contínuas, são compostas de *quanta* de ações elementares. “Algumas quantidades podem mudar continuamente e outras apenas descontinuamente, por passos que não poderão reduzir-se. Esses passos indivisíveis são chamados *quanta* elementares da quantidade a que se referem.” Einstein, A. e Infeld, L. *op.cit.*, 1988, p.202.

III - VENCENDO DISTÂNCIAS: HOLAMBRA TEM PRESSA

3.1 Verticalização do sistema agropecuário: integração e poder econômico.

Se os holambrenses herdaram a racionalidade mercantil e financeira dos holandeses, a situação e o contexto das transformações econômicas do país e do mundo nas últimas duas décadas, encorajaram aquela sociedade mais uma vez a acelerar o ritmo de suas ações, projetando transformações na base de seus sistemas técnicos e organizacionais, com a finalidade de dotar o lugar de maior capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos.

Na fase atual, o momento de construção do território holambrense se dá com um conteúdo cada vez mais crescente de ciência, de técnica e informação.

O processo de integração e cooperação entre a ciência e a técnica, e destas com o processo de produção agrícola, representou recentemente (pós-65) uma mudança qualitativa no processo de transformação ou modernização da agricultura brasileira.

A partir da década de 70, as transformações na base técnica e na base organizacional do setor permitiriam uma nova *integração* com os setores industrial e financeiro. Dessa integração intra-setorial, formaram-se os Complexos Agroindustriais (CAIs)⁵⁵, impondo profundas transformações

⁵⁵ O termo Complexo Agroindustrial (CAI), utilizado já por Alberto Passos Guimarães em *A Crise Agrária*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, é atribuído ao autor francês, L. Malassis. Ele defini o complexo agroindustrial ("complexe agri-industriel - CAI") como agregado II e III. Em sua análise, o complexo agroindustrial é a soma do complexo de produção agroindustrial ("le complexe de production agri-industriel - CPAI") e margens comerciais. O complexo de produção agroindustrial -CPAI é formado pelos produtos da

nos planos da concentração e centralização dos capitais aplicados no setor agropecuário e no plano das relações de poder político com o Estado.

Da concentração e centralização dos capitais, muito associado ao novo padrão de desenvolvimento técnico-científico-organizacional desses grupos econômicos, decorre uma transformação da configuração territorial cada vez mais organizada também, segundo um padrão técnico econômico.

As mudanças provocadas pela industrialização do setor agropecuário, em particular as transformações seguidas pelas novas orientações tecnológicas e ainda a aceleração recente de sua integração aos movimentos de formação dos grupos econômicos, significa a implosão da empresa rural e o surgimento de grupos econômicos enquanto *locus* de acumulação e poder.

O poder de classe dos proprietários de terra e de capital rurais que sempre tiveram representação no exercício do poder político, agora se redefine segundo os interesses e as necessidades comuns de todas as grandes empresas, tomadas como um todo. "Cada vez mais, o conteúdo da ação política do setor empresarial é determinado por uma perspectiva generalizada dos interesses da classe empresarial."(USEEN, 1984:4 e 5)

As formas de poder hoje são muito mais determinadas por fatores sistêmicos (grau de concentração e centralização do capital) que pelo poder

agricultura -A mais os produtos de indústrias agrícolas e alimentares -IAA. Malassis, L. "La structure et l'évolution du complexe agri-industriel d'après la comptabilité nationale française". *Économies et sociétés*, Paris, v.3, n.9,p.1673, set.1969 (Cahiers de L'ISEA, Série "Développement économique et agriculture"). Apud, Lauschner,R., *Agribusiness, Cooperativa e Produtor Rural.*, São Leopoldo,RS: Unisinos, 1993. Nesse sentido ver Silva, José Graziano da,. "Complexos Agroindustriais e outros complexos" in: *Reforma Agrária*, Campinas, novembro / dezembro, 1991.

"individual" de uma empresa, o que implica uma redefinição da classe empresarial enquanto poder econômico e político. Na Holambra, a redefinição do poder econômico da Cooperativa culminou com o processo de emancipação do município.

Estas transformações, em nível organizacional das empresas e dos grupos econômicos, são respostas⁵⁶ a questões que estão sendo colocadas pelo sistema de auto-expansão do capital no nível mundial: a transnacionalização (estratégias, controles, inversões e gestões organizadas em redes que se complementam e se distribuem em todo o planeta), a globalização (aumento da abertura de economias nacionais), a internacionalização e acumulação do capital, e a luta de classes em escala internacional.

A inclusão da agricultura nesses processos de mundialização econômica foi mais lenta que em outros setores da economia mundial. É só a partir da Rodada do Uruguai (ainda em andamento), que as questões da agricultura são incluídas, ainda que timidamente, na agenda do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio).

Os países desenvolvidos da Europa, especialmente a França, insistem numa política protecionista de sua agricultura. Em 1992, os 24 países mais ricos do mundo que integram a OCDE, gastaram 353 bilhões de dólares (80% do PIB brasileiro), subsidiando suas agriculturas.⁵⁷ Esse

⁵⁶ "The multinational firm only designates the forms which the self-expansion of social capital assumes." Palloix, C. The Self-Expansion of Capital on a World Scale, in: *Review of Radical Political Economy* 9 (2), 1977, 1-28.

⁵⁷ Pinazza, L.A. e Araújo, N.B. *Agricultura na Virada do Século XX*, São Paulo: Ed.Globo, 1993.

insistente protecionismo artificializa, para baixo, os preços de mercado internacional de *commodities* agrícolas, desmantelando uma das áreas de maior vantagem comparativa dos países em desenvolvimento: a agricultura.

O quadro parece agravar-se, quando se examina a tendência de queda da taxa de preços e mesmo do consumo mundial de produtos agropecuários e agroindustriais. Em relação a 1980, os preços reais dos alimentos estavam 44% mais baixos em 1990; os das bebidas tropicais, 52% mais baixos e 30% para óleos e sementes vegetais. Segundo estimativas do Centro Latinoamericano de Economia y Política Internacional (CLEPI), a taxa anual de consumo do algodão seria de 1,1%; 1,4% para carne e fumo, e 1,7% para o café e açúcar (sem contar ainda os agravantes que a substituição tecnológica para este último produto, acarreta).⁵⁸

Considerando-se que o circuito de *commodities* foi um dos primeiros a investir na internacionalização do capital (30% dos negócios mundiais consistem em movimentos de *commodities* produzidos por multinacionais)⁵⁹, coloca-se a questão de entender o forte poder dessa pequena parcela do empresariado mundial, o empresariado rural, na defesa de seus subsídios, conservando um protecionismo nacional que garante uma hegemonia do setor em um mundo que proclama hoje a integração comercial em escala internacional⁶⁰

⁵⁸ CLEPI - Centro Latinoamericano de Economia y Política Internacional. *Informe sobre la economía mundial, 1990-1991, perspectivas latinoamericanas*. Santiago, Clepi, 1991.

⁵⁹ *Apud* Palloix, C. *op.cit.*

⁶⁰ "Noam Chomsky, com base nas informações do Banco Mundial, chegou à conclusão de que as políticas protecionistas dos países industrializados reduzem as rendas nacionais do sul do planeta em cerca do dobro da ajuda artificialmente concedida à região". *Apud*, Pinazza e Araújo, *op.cit.*, 96.

A formação de blocos ou grupos econômicos (associações, cooperativas, sindicatos) implica a redistribuição do poder entre blocos e entre países. Apesar de representarem uma parcela cada vez menor da população, os produtores rurais têm investido na organização de *lobbies*⁶¹ e no uso de modernas técnicas de *marketing* para garantirem sua renda que depende dos subsídios injetados pelos programas agrícolas, e convencerem a população urbana a continuar aceitando tais concessões de subsídios.

O novo regime de acumulação, ao requerer maior flexibilização no processo de produção, no desenvolvimento dos produtos, assim como na regulação das relações de trabalho, favorece a desintegração vertical das relações de proximidade, e ao mesmo tempo, a interconexão dos grupos econômicos. As transformações geográficas dos espaços de produção coincidem com essa reorganização da produção.

A redefinição do poder econômico e político da classe empresarial rural, dada pela integração das agroindústrias a grupos empresariais que controlam ativos em diferentes lugares, requer do setor, uma redefinição das estratégias de expansão econômica (capacitação tecnológica, mercadológica e organizacional); exige decisão locacional específica (no plano doméstico e / ou internacional). Essas decisões e regulações da produção agropecuária se fazem no urbano, o que contribui também na constituição de uma nova base territorial da produção agrícola.

⁶¹ A respeito dos "lobbies" e seus interesses em manter e ampliar os subsídios dados aos agricultores, ver Burbach, R., e P. Flynn, *Agroindústria nas Américas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Como resultado dessas transformações e do recente movimento de urbanização do campo, o corte setorial agricultura / indústria ou ainda setor rural / urbano perdem sua força analítica: não podemos mais tratar as regiões, valendo-nos de um determinante, nem uma única dinâmica num setor único. "Hoje as regiões agrícolas (e não rurais) contêm cidades; as regiões urbanas contêm atividades rurais." (SANTOS, 1993:65). A formação dos complexos agroindustriais impõe uma organização sócio-espacial nova.

Segundo Bye e Fonte (1991) "a urbanização, mudanças nos padrões de consumo e estilos de vida na sociedade pós-industrial transformam rapidamente os modelos de uso do território. O espaço rural, por exemplo, não pode mais satisfazer apenas a função de produzir mercadorias ou de ofertar mão-de-obra. Ele se converteu na principal fonte de provisão de serviços (bens materiais de uma demanda não produto) e de fatores produtivos que são relativamente menos mercantilizáveis - ar, água, turismo, atividades de lazer, bens de saúde, e outros produtos".⁶²

Considerando-se as perspectivas de Davis e Goldberg⁶³, o setor de armazenamento, processamento e distribuição final (jusante ou agregado III) da estrutura de um "complexo rural", deverá até o ano 2000 dominar mais de 70% do valor total produzido pelo complexo, ficando para os

⁶² Apud Müller, G. "Competitividade e integração econômica e social" in: *Rascunho* 32, p.30

⁶³ "Os trabalhos desenvolvidos na Harvard Business School, dentre eles o *Programa de Pesquisas "Agricultura e Negócios"*, inicialmente sob a direção de John Davis e posteriormente de Ray Goldberg, tiveram o grande mérito de deslocar o centro da análise "de dentro para fora da fazenda", evitando tratar o setor agrícola como isolado do resto da economia. A idéia do "agribusiness", não apenas ressalta os vínculos intersetoriais existentes, como coloca a produção agrícola como parte de um sistema de *commodities* ("*commodities system*") muito mais amplo com o mundo dos grandes negócios." Silva, J. Graziano, op.cit, 1991:7.

agricultores (agregado II) apenas 15% daquele total (excluindo-se aqui, a produção e distribuição de insumos - montante ou agregado I). Para o ano 2028, Goldberg projeta um valor percentual de 9,6% como renda para o agregado II do complexo e 81,6% para o agregado III.⁶⁴ Em outras palavras, 90,4% da produção rural mundial (somamos aqui o valor percentual projetado para o agregado I - produção e distribuição de insumos - 8,8%), isto é, quase a totalidade, será produzida na cidade.

Esses elementos permitem compreender não só o conceito de complexo rural, mas abrem perspectiva de apreensão das inter-relações entre os fluxos de mercadorias, de informações, participações entre centros de pesquisas, associações de agricultores, associações comerciais, setores de silos e armazéns, setores de beneficiamento e industrialização que têm caracterizado os espaços de produção agrícola.

Nos anos 80, as transformações ocorridas tanto nos sistemas de engenharia, quanto no sistema social, já aparecem muito mais delineadas em alguns espaços da produção agrícola - assim também em Holambra.

3.2 Geração e adoção de novas tecnologias de organização produtiva na Cooperativa Agropecuária Holambra - CAPH - 1988 / 1991

Um caso entre outros, como o da FRUNORTE, Frutas do Nordeste Ltda, da AVITI, Associação dos Viticultores de São Miguel Arcanjo, a

⁶⁴Complexo Rural é uma tradução do termo agribusiness, cunhado por Davis, J.H., e Goldberg, R.A., *A concept of agribusiness*, Boston, Division of Resert / Graduate School of Business Administration / Harvard University, 1957. Nesse livro Davis e Goldberg mostram a evolução do complexo rural e suas implicações quanto à consequente reestruturação rural / urbana frente as transformações tecnológicas da produção agropecuária norte-americana para os anos de 1910 e 1947. Os dados que citamos aqui, são também de Godberg "Agribusiness deve crescer", publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, S.Paulo, 9 de dez.1990, p.16, c.5 (Caderno de Economia).

Cooperativa Agropecuária Holambra, vem se constituindo em 'situações tipo' das mudanças organizacionais impostas pelo novo modelo de desenvolvimento tecnológico como sistema de produção de localização globalizada, em contraste com a imagem de desenraizamento implícita no termo "globalização".

São empresas agrícolas que apesar de não integrarem um complexo agroindustrial, estão envolvidas em atividades altamente lucrativas, direcionadas para segmentos sociais diferenciados. Com base em contratos de integração, essas empresas viabilizam a pequena propriedade, garantindo, não apenas a quantidade e a qualidade da produção, mas também a própria estabilidade do sistema a longo prazo.

Nessa direção, tomamos o exemplo da CAPH, Cooperativa Agropecuária Holambra, como um lugar onde o processo de modernização do sistema produtivo e de comercialização tem dotado o espaço de um sistema de objetos técnicos e um sistema organizacional complexo de ações e interações, que termina por configurá-lo como um lugar no qual o processo de globalização se territorializa.

A própria história da CAPH, pareceu-nos propícia para afirmação de que há lugares mais capazes de absorver o processo de modernização econômica e tecnológica, ao contrário de se configurar somente como uma "situação limite" para confirmação de uma hipótese.

A Cooperativa, desde sua criação, tem tido o cuidado de refuncionalizar os antigos objetos técnicos e procurado implantar novos à

produção de seus associados, sejam eles bens de produção ou bens de consumo coletivos.

Hoje não basta a empresa ser competitiva, o lugar também deve ser competitivo para o sucesso do processo produtivo.

A cooperativa, desde 1988, vem se reestruturando para possibilitar a convergência de interesses entre mercado, produtores e colaboradores, através de uma desintegração vertical⁶⁵ do processo produtivo organizado agora em Unidades de Negócios.

A reestruturação de sua administração se baseia na parceria contratual entre as Unidades de Negócios (UNs), garantindo o fornecimento e o preço mínimo nunca inferior ao praticado no mercado (garantia para o cooperado). A proposta aqui é de obter a modernização necessária à manutenção das novas gerações de holambrenses dentro da Holambra. O executivo de cada unidade (com a função de gerenciar) estrutura sua ação em conjunto com uma comissão de produtores, cuja função é opinar e fiscalizar a gestão da Unidade da qual participa.

Cada uma das UNs dispõe de uma unidade de apoio informático, uma de apoio financeiro ligada a uma diretoria de Planejamento Empresarial e de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Todas estão vinculadas a uma Diretoria Geral que cuida das políticas gerais da Cooperativa. Esta se submete à Assembléia Geral, a um Conselho Fiscal e Administrativo.

⁶⁵ "Fala-se em desintegração vertical de uma empresa quando as diferentes etapas da produção não se efetivam na mesma empresa." Benko, G. *Economia Espaço e Globalização na aurora do século XXI*, São Paulo: Hucitec, 1996, p. 141.

São UNs que objetivam crescer, aprimorar sua competência organizacional, utilizar tecnologias sempre atualizadas e aperfeiçoadas e oferecer os melhores produtos para o mercado consumidor.

A Unidade de Negócios Cítricos desenvolve, sob orientação técnica, a seleção de material genético para o plantio. O acompanhamento técnico envolve todos os momentos do processo produtivo até a seleção das frutas. Parte vai para a indústria de esmagamento (terceirizado); outra para o processamento (em instalação alugada) e parte para o mercado *in natura*.

A distribuição do produto, processado ou *in natura*, é embalado na própria Holambra, tendo em vista um fluxo mais ágil possível, já que fornece frutas cítricas para supermercados, CEAGESP, CEASAS e outros pontos de venda, além do mercado exterior.

Na UNs Aves e Ovos, a área de assistência técnica orienta todo o processo de criação e, através de uma interação produtiva entre os produtores de matrizes e frangos, garantem um produto de alta qualidade a preço altamente competitivo.

As granjas de matrizes enviam os ovos férteis para uma incubadora, onde, em ambiente totalmente controlado e higiênico, nascem pintos que, selecionados e vacinados, vão para granjas onde serão alimentados com uma ração natural à base de milho, soja e vitaminas, produzida na própria Cooperativa. Já no abatedouro, os frangos são abatidos sob a fiscalização do Serviço de Inspeção Federal (SIF), embalados e transportados em caminhões especiais até o mercado consumidor.

Aos ovos para o consumo *in natura* e também para a indústria é assegurada alta qualidade. O produto industrializado é exportado na forma líquida congelada ou em pó para a Europa e Japão.

A UNs Verduras e Legumes conta também com grande potencial técnico de produção. Os principais produtos desta Unidade são: berinjela, abobrinha, tomate, pepino e couve. O projeto de expansão desta Unidade contempla a criação, em um futuro próximo, de um sistema de leilão (*Veiling*) para comercialização, semelhante ao de flores e plantas.

As verduras e legumes são produzidas em estufas com ferrigação (um moderno sistema de irrigação e fertilização computadorizado) e com a utilização controlada de agrotóxicos, o que garante o padrão de qualidade dos itens da Holambra.

Esses produtos são distribuídos às grandes redes de supermercados e CEASA, além de serem vendidos para cozinhas industriais.

A UNs Suínos, assim como a de Aves e Ovos, são atendidas em suas necessidades de ração pela Unidade de Negócios Ração⁶⁶ que oferece aos cooperados uma ração de alta qualidade, produzidas numa fábrica equipada com processamento automático e controle informatizado.

A Unidade de Negócios Bulbos e Mudas, assim como a UN Flores e Plantas, são unidades criadas para os produtores associados que atendem inclusive o mercado mundial.

⁶⁶ A Fábrica de Rações da CAPH tem uma produção de 10.500 toneladas mensais, sendo 55% destinadas para frangos de corte; 10%, para aves de postura; 5%, para aves matrizes e 30%, para suínos. Fonte: CAPH, Jornal da Cidade, 12 / 05 / 95.

A produção de bulbos é feita em campo aberto. Para serem comercializados são classificados e armazenados em câmaras frias, em temperaturas de 5 a 13 graus centígrados. Depois de embalados em engradados de madeira (para os gladiolos) e caixas de papelão (amaryllis) são exportados via marítima, em contêineres também refrigerados.

A produção de mudas é feita em viveiros e estufas apropriadas e destinadas aos mercados europeu e americano. São embaladas em caixas de papelão padronizadas para embarque via aérea para a Bolívia, Estados Unidos, Holanda, Dinamarca e outros países da Europa. A exportação para a Argentina e Uruguai é feita por rodovia, garantidas as qualificações e os rígidos padrões do mercado externo.

A CAPH produziu em 1990 4 milhões de dúzias de rosas e 3 milhões de dúzias de gladiolos (palma-de-santa-rita), além de violetas, crisântemos e plantas verdes. A Cooperativa é responsável por 30% da produção nacional de flores e seus associados produziram o equivalente a US\$20 milhões, em flores e plantas ornamentais, em 1990.⁶⁷

O comércio mundial de produtos da floricultura em 1987 (dados das Nações Unidas)⁶⁸ atingiu o montante de US\$4,7 bilhões, sendo que os principais países exportadores de flores e folhagens ornamentais cortadas, plantas ornamentais e bulbos eram a Holanda (57,9%), a Itália (8,7%), a

⁶⁷ Santos, R. da Costa, "Cooperativa Agropecuária Holambra: uma organização em mudança" in: Zylberstajn, D., (coord.) *Estudos de Caso em Agribusiness: o processo de tomada de decisões nas empresas brasileiras*. Porto Alegre: Ed. Ortiz, 1993, p.127.

⁶⁸ International Trade Centre UNCTAD / GATT. *Floricultural products: study of major markets*. Geneva, 1987. 333p.

Dinamarca (6,2%), a Colômbia e a Bélgica / Luxemburgo (4,5% cada um). O Brasil participava com apenas 0,2% desse valor.

Em 1990, o Brasil exportou US\$9,2 milhões de flores e produtos da floricultura, representando um crescimento da ordem de 122% em relação ao valor exportado sete anos atrás: 1983.⁶⁹ (Tabela - 1)

Tabela 1 - Exportação de Plantas Vivas e Produtos da Floricultura - US\$ - FOB

Produto	Ano			
	1992	1993	1994	1995
Rosas / botões frescos cortados p / buquês	3.130.146	3.354.070	1.958.139	1.767.835
Gadíolos / botões frescos, cortados p / buquês	47.601	670	0	0
Outras Flores / botões frescos, cortados p / buquês	491.749	699.126	262.762	123.262
Flores / botões secos cortados p / ornamentais	1.169.141	393.247	262.762	123.262
Flores / botões branqueados / tingidas	---	5.171	0	0
Bulbos de Begônia / Gadíolos / em repouso	614.015	2.162.379	1.948.070	2.166.103
Outros Bulbos / Tuberculos / Raizes / em repouso	731.075	892.734	559.404	551.507
Folhas / Folhagem / Ramos, frescos p / buquês	419	7.308	2.058	---
Total	6.798.161	7.514.705	10.201.611	9.125.181
Principais Mercadorias do Reino Vegetal	11.706.193	13.221.437	12.634.964	13.903.748

Fonte: Banco do Brasil, SECEX, 1996

Elaborado pelo autor

Para se ter uma idéia da importância do valor exportado pelo setor brasileiro de floricultura, basta compará-lo com a exportação de outros setores. As exportações brasileiras em 1990 totalizaram US\$31,4 bilhões, dos quais US\$8,7 bilhões de produtos primários, entre os quais estão representados os US\$9,2 milhões de flores e produtos da floricultura. É pequena a participação se comparada aos totais, porém similar às exportações de banana (US\$9,0 milhões), sisal bruto (US\$7,0 milhões) e metade das exportações de laranja *in natura* (US\$18,0 milhões), mas que

⁶⁹ Relatório Anual. Brasília, Banco Central do Brasil, 1990.

ressalta a irrelevância com que é tratado o setor - para o qual estatísticas são escassas e o apoio institucional quase inexistente.⁷⁰

As dificuldades para exportação estão exatamente nos altos custos do frete aéreo, aliado à estrutura inadequada dos aeroportos. Apenas o Aeroporto Internacional de São Paulo (Cumbica) possui câmara fria para armazenagem de flores.

As exportações de flores cresceu expressivamente até meados da década de oitenta, graças à expansão da cultura, principalmente de rosas, na região de Barbacena (MG) e no Estado de São Paulo. Mais recentemente, (1988) alguns cooperados da Holambra receberam financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para triplicarem a produção de rosas voltada para exportação.⁷¹

Além dessa integração com mercados mundiais, concretizando um plano de 1988, em 1991 a Holambra inaugurou um sistema de comercialização de flores e plantas ornamentais, basicamente fundamentado na concentração diária da oferta e procura desses itens e voltado diretamente ao comprador.

Inspirado no modelo do pregão (*veiling*) holandês existente há mais de cem anos na Holanda, o "*Veiling Holambra*" é um pregão informatizado em que os compradores dão seus lances de uma tribuna, depois de avaliarem o produto que está sendo ofertado - lotes de flores

⁷⁰ Gatti, E.U. A Evolução Recente do Comércio de Produtos da Floricultura no Brasil" in: *Agricultura em São Paulo* - Revista Científica do Instituto de Economia Agrícola, São Paulo, 38 (3):101-107, 1991.

⁷¹ Durão, V.S., Crédito para exportar rosas. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 11 julho 1990, p.1.

transportados em prateleiras móveis, que percorrem a sala do pregão de uma ponta à outra. O sistema de computadores registra a operação dos compradores previamente cadastrados e, por estar ligado a uma agência bancária, debita automaticamente na conta do comprador a quantia envolvida na operação.

As vantagens do *veiling* são a garantia de um fluxo contínuo de mercadoria de boa qualidade e maior rapidez nas operações, o que resulta em menor custo operacional e maior transparência do mercado.

[A Unidade de Negócios Flores e Plantas promove, todo mês de setembro, uma das maiores exposições de flores e plantas do país: a Expoflora.] Este evento tem por objetivo mostrar a arte e a técnica em arranjos florais e paisagísticos para pessoas do ramo e ainda firmar a imagem de produtora de flores junto ao público em geral.

Para estas UNs, a tecnologia é fator fundamental para bons resultados. Apesar de a gestão tecnológica ser de responsabilidade de cada UN, a Cooperativa mantém uma ativa área de assistência técnica provedora de aprimoramento técnico das atividades agropecuárias.

Todas as Unidades utilizam a Unidade de Negócios Insumos, uma central de compras criada para oferecer ao cooperado maiores facilidades nas operações mais significativas de fertilizantes, defensivos e sementes, máquinas e implementos agrícolas.

Assim, como um importante eixo tecnológico, a Cooperativa mantém empresas de especialização⁷² e produção de biotecnologia, como exemplificam as empresas de micropropagação de espécies vegetais e a indústria de *green houses*⁷³.

3.2.1 Crise econômica: nova fase de reestruturação da Cooperativa - 95/ 96

A CAPH, a oitava empresa no *ranking*⁷⁴ de cooperativas, passa por uma crise financeira em 1995 / 96, atingindo principalmente os produtores associados à unidade de suínos. Atribuída à elevação dos encargos financeiros da dívida⁷⁵ e aos altos custos da industrialização dos produtos (que sofrem inclusive concorrência com matadouros clandestinos), o momento exige novamente uma mudança de atitude da diretoria.

A reestruturação iniciada em 1996, começa com a demissão de 30 funcionários do escritório central e 450 trabalhadores dos 970 funcionários da UNs Suínos, dada a desativação da Fricam, empresa frigorífica da Cooperativa em Campinas, do Abatedouro (120 funcionários) que a empresa mantinha em Piracicaba, o *Pekin House* (unidade de

⁷² A parceria com empresas estrangeiras permite aos produtores plantar novas variedades de plantas. Acordos de *royalties* entre produtores holambrenses e empresas internacionais estão agora facilitados pela aprovação da Lei de Propriedade Industrial que garante a troca de informação e investimento no melhoramento genético dos produtos da agricultura.

⁷³ Estufas, artifício usado para manter o controle de fatores que interferem na produção de algumas plantas.

⁷⁴ Revista Balanço Anual 95 / 96 da Gazeta Mercantil.

⁷⁵ Criticando as altas taxas de juros da austera política monetária do governo Fernando Henrique Cardoso que, junto com a política cambial ancoram seu projeto de estabilização econômica, diz o presidente da CAPH Sr. Hendricus Kanger “Enquanto o governo se vangloria de manter os preços estáveis, o agricultor é obrigado a pagar juros exorbitantes”. Gazeta Regional, 26 / 11 / 96. “A estabilização econômica do Plano Real custou R\$9 bilhões à agricultura”, declarou o Prof. Fernando Homem de Melo da FEA - USP - Gazeta Regional em 10 / 02 / 96.

beneficiamento e embalagem de laranjas) e da área de *marketing* da unidade.

A Unidade de Suínos pertence a 40 associados e sua produção em 1995 foi de 240 mil cabeças de suínos, responsável por 27% do faturamento da Cooperativa. Nesse mesmo ano a Holambra abateu 15,5 milhões de aves, responsável por 25% do faturamento e produziu 130 mil toneladas de ração, responsável por 10% do faturamento.

Se o faturamento em 1995 foi de R\$220 milhões estima-se para 1996, com o fechamento desta unidade e de outras unidades que deverão ser fechadas no decorrer do ano, um faturamento de R\$155 milhões: queda de 29,5%.

Além do corte de pessoal, a Cooperativa promoveu em 1996 a terceirização dos serviços de contabilidade, segurança e comércio.

Com uma dívida ativa de R\$145 milhões, sendo R\$90 milhões com o Banco do Brasil⁷⁶, a cooperativa ficou com as propriedades de quarenta associados⁷⁷ que foram desligados e “deverão trabalhar com outros cooperados ou mesmo se estabelecer em atividades como o comércio”, diz o vice-presidente Sr. Kees Schoenmaker. (Gazeta Mercantil, 22 / 03 / 96).

⁷⁶ Em fevereiro de 1996, o Banco do Brasil processou a CAPH alegando desvio da produção de seus associados para não pagar empréstimos contraídos junto ao Banco. Segundo Wolney Ferreira, superintendente do Banco do Brasil, “a Cooperativa agiu como infiel depositário”. O Estado de São Paulo: 17 / 02 / 96.

⁷⁷ Em função de não terem chegado a um acordo para saldarem suas dívidas, dois agricultores entram na justiça, alegando que a Cooperativa liberou empréstimos altos e de forma indiscriminada, além de perseguir, ameaçar e violar seus direitos, apresentando como única alternativa, a entrega da propriedade. Jornal da Cidade de Holambra, 18 / 08 / 95 e Diário do Povo, Campinas, 13 / 08 / 95.

que a empresa mantinha em Piracicaba, o *Pekin House* (unidade de beneficiamento e embalagem de laranjas) e da área de *marketing* da unidade.

A Unidade de Suínos pertence a 40 associados e sua produção em 1995 foi de 240 mil cabeças de suínos, responsável por 27% do faturamento da Cooperativa. Nesse mesmo ano a Holambra abateu 15,5 milhões de aves, responsável por 25% do faturamento e produziu 130 mil toneladas de ração, responsável por 10% do faturamento.

Se o faturamento em 1995 foi de R\$220 milhões estima-se para 1996, com o fechamento desta unidade e de outras unidades que deverão ser fechadas no decorrer do ano, um faturamento de R\$155 milhões: queda de 29,5%.

Além do corte de pessoal, a Cooperativa promoveu em 1996 a terceirização dos serviços de contabilidade, segurança e comércio.

Com uma dívida ativa de R\$145 milhões, sendo R\$90 milhões com o Banco do Brasil⁷⁶, a cooperativa ficou com as propriedades de quarenta associados⁷⁷ que foram desligados e “deverão trabalhar com outros cooperados ou mesmo se estabelecer em atividades como o

⁷⁶ Em fevereiro de 1996, o Banco do Brasil processou a CAPH alegando desvio da produção de seus associados para não pagar empréstimos contraídos junto ao Banco. Segundo Wolney Ferreira, superintendente do Banco do Brasil, “a Cooperativa agiu como infiel depositário”. O Estado de São Paulo: 17 / 02 / 96.

⁷⁷ Em função de não terem chegado a um acordo para saldarem suas dívidas, dois agricultores entram na justiça, alegando que a Cooperativa liberou empréstimos altos e de forma indiscriminada, além de perseguir, ameaçar e violar seus direitos, apresentando como única alternativa, a entrega da propriedade. Jornal da Cidade de Holambra, 18 / 08 / 95 e Diário do Povo, Campinas, 13 / 08 / 95.

comércio”, diz o vice-presidente Sr. Kees Schoenmaker. (Gazeta Mercantil, 22 / 03 / 96).

A dívida com o Banco do Brasil foi renegociada. R\$35 milhões foram securitizados, isto é, trocados por títulos do Tesouro Nacional e R\$55 milhões renegociados com base na Taxa Referencial (TR), mais 1% de juros ao mês.

A Cooperativa conta hoje com 326 associados, 265 propriedades de 20 hectares em média. Dos associados, 160 são produtores de flores e plantas ornamentais⁷⁸, responsáveis por 40% da produção nacional, 25% do abastecimento do mercado nacional e 25% do faturamento da Cooperativa.

Todos esses momentos de reorganização da empresa CAPH são também momentos do processo histórico da construção de um território que, sob o seu comando, vem mediando as transformações mundiais, nacionais e locais que aí se impõem.

3.3 Vocação do lugar à modernização: a especialidade faz a diferença

Atualmente envolvidos num período de reestruturação social, deflagrada por crises inter-relacionadas, não desencoraja os holambrenses da pretensão que já constava do projeto dos primeiros imigrantes: compor

⁷⁸ Desde 03 / 04 / 96 os produtos flores e plantas ornamentais estão isentos de ICMS, conforme artigo 338, inciso VI do Decreto 33.118 / 91, assinado pelo governador Mário Covas, beneficiando pelo menos 1200 produtores do Estado de São Paulo. Sem recolher esse imposto, há dez anos, devido a um acordo com os governos Quéricia e Fleury, os produtores temiam autuação. Agora, o imposto recai sobre o consumidor, quando da venda no varejo.

técnica e organicamente o território como possibilidade de se estar construindo um lugar oportuno para realização mais eficaz das ações.

Com um projeto moderno em que estão fortemente contemplados a perspectiva e a pretensão de controle funcional da economia e administração das ações e objetos que se instalam no lugar, a Cooperativa investe na expansão técnica e científica da produção de flores.

A Cooperativa que até 1990 investia na infra-estrutura local, hoje, com a emancipação do município (subitem 3.5 adiante), volta seus investimentos à composição orgânica do território - dado o uso intenso pelos produtores de biotecnologias, novas químicas, novos cultivares, informatização.

Se de um lado se reorganizam os sistemas de ações, normatizando o uso do território de forma licenciosa à absorção dos vetores hegemônicos do capital particular da economia da empresa, de outro se reestruturam os sistemas de objetos, normatizando o uso do território de forma cada vez mais instrumental. Podemos afirmar que o espaço aí está cada vez mais se tornando oportuno aos interesses globais, cada vez mais possível e passível de se constituir num espaço da globalização. Um espaço onde o evento, como momento que unifica objetos e ações ao processo atual de modernização, chega como o vetor hegemônico que, no momento do impacto, no momento do encontro, assimila e impõe mudanças de direção e governa o lugar.

3.3.1 O canteiro de flores holambrense: densidade artificial da produção.

Vimos que a cada momento da construção do território holambrense, o movimento de transformação se dera no sentido da especialização da produção. Primeiro, com o presidente Hognboom (1950) planejando⁷⁹ toda a produção agropecuária e toda área produtiva dos associados à Cooperativa. Um segundo momento, sob a presidência do Sr. Hendricus Petrus Kager (1987), reorganiza-se a produção em Unidades de Negócios e agora, após o último período de crise econômica, quando a produção de flores parece ser tendencialmente a atividade mais vantajosa, já se proclama o lugar como “cidade das flores”.

O cultivo de flores na Holambra tem se dado em um meio cada vez mais técnico, cada vez mais artificial.

O plantio é geralmente feito em substratos, isto é, um substituto do solo, cada vez mais próximo do solo ideal para o desenvolvimento ótimo de plantas. As áreas de plantio são ambientes protegidos por viveiros e estufas que criam um microclima ideal para a produção em regiões mais quentes que protegem as plantas das chuvas, dos ventos e dos animais. Essas estufas são estruturas de madeira ou de metal cobertas com plástico, vidros ou policarbonato.

Os produtores tem se utilizado cada vez mais de artifícios para cumprirem as exigências do meio técnico. Nas estufas computadorizadas⁸⁰,

⁷⁹ “Plano dos dos vinte hectares” para o qual o governo holandês destinou um financiamento à juros de 5% anuais. *O Dirigente Rural*, Holambra: Jornal Local, fev. / 1962. Biblioteca do Instituto Agrônomo de Campinas.

⁸⁰ “Muitos produtores vêm utilizando sistemas automáticos de controle, que funcionam através de sensores para medição de temperatura, umidade e luminosidade. Estas estufas custam cerca de US\$42 o metro quadrado, enquanto as estufas tradicionais custam cerca de US\$12.” Renato Optz, Gerente de Produção da Unidade de Negócios Flores e Plantas

sistemas automáticos equipados com sensores para medição da temperatura, umidade e luminosidade, são controlados através de um painel que ativa diversos mecanismos reguladores, previamente programados para ligarem ou desligarem grandes ventiladores, fechar ou abrir as cortinas de sombrite, abrir ou fechar a cortina de água.

Em cultivos fechados, não se rega a planta manualmente. Há um estabilizador na extremidade de mangueiras flexíveis, chamada espaguete, com o objetivo de controlar o fluxo de saída de água e que está sendo utilizado também para controlar a quantidade de adubo necessário para as plantas.

Os cuidados devem ser ainda maiores após a colheita, quando as plantas devem ser mantidas sob refrigeração em câmaras frias; a água deve ser mantida limpa, com contagem bacteriana dentro dos limites aceitáveis.

Verdadeiras externalidades da tecnociência: a área agrícola do município de Holambra muda a estrutura e a composição orgânica do território. A produção se artificializa, a circulação das mercadorias e do capital é exponencialmente mais rápida, a distribuição é mais disseminada e a integração desses momentos do processo produtivo é organizada visando à eficácia do sistema.

3.3.2 Sistema de circulação e distribuição de flores: controle técnico do tempo

Da colheita à distribuição das flores e plantas ornamentais há ainda mais exigências de investimentos em tecnologia. A fragilidade e a

percebibilidade do produto exigem cuidados especiais durante a colheita, armazenamento, transporte e comercialização.

O principal mercado atacadista de flores no Brasil é a Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - CEAGESP, onde às terças e sextas-feiras, uma grande feira atrai donos de floriculturas, paisagistas e empresas de jardinagens. São 978 boxes para pequenos e médios produtores, além de comerciantes de vasos e acessórios. Se a quantidade comercializada dos dois principais produtos tem diminuído nos últimos anos é reflexo de uma reorganização da circulação e distribuição no processo produtivo. (Tabela - 2)

Tabela 2 - Quantidade Comercializada de Rosas e Crisântemos na CEAGESP

Produto	Ano				
	1983	1987	1993	1994	1995
Crisântemo (pct)	8.048.646	11.169.025	3.153.188	2.214.874	1.922.635
Rosa (dz)	3.993.464	4.487.888	4.108.193	3.885.540	3.688.612

Fonte: Ceagesp - *Boletim Mensal Ceagesp*, 1983 - 1995

Elaborado pelo autor

Para um produto que exige tecnologia e agilidade para comercialização, os produtores buscam organizar a circulação das mercadorias e chegar o mais rápido possível ao consumidor. Em 1990, estimava-se⁸¹ uma perda física de 30%, entre a produção e o consumo; perda que, acrescida ao preço, é repassada ao consumidor final.

⁸¹ Pesquisador Elcio Gatti do Instituto de Economia Agrícola em entrevista ao jornal *Gazeta Mercantil* 20 / 02 / 1992.

Na década de 80, os produtores viam seus produtos deteriorarem no período de sete ou oito dias que separam o momento da colheita até a entrega na loja. Junto com o problema que implica a qualidade do produto, os empresários do setor estão preocupados com a padronização, tecnologia e fitossanidade⁸⁶. Os produtores têm se organizado em associações (Centralflores, ACPF), câmaras setoriais, no Instituto Brasileiro de Flores (IBRAFLOR), mercados permanentes de abastecimentos, entrepostos exclusivos (sacolões), feiras de exposições, investido na ampliação do espaço para flores em supermercados. “Os projetos visam organizar melhor a distribuição, hoje muito centralizada pela CEAGESP e dependente de intermediários, e buscar regionalizar a produção e a comercialização dos produtos.”⁸⁷

Na Holambra, essa ordem de problemas é ponto de pauta das reuniões da Comissão de Flores e Plantas da Cooperativa desde 1977 e as soluções foram sendo tomadas na medida do crescimento do setor. Entre 1982 e 1987, o setor investe na criação e estruturação de uma rede de distribuição com sete de filiais e uma frota própria de 90 caminhões.

A crise de 1987, que levou à reestruturação organizacional da Cooperativa (item 3.2) no período 1988 / 91, exigiu do setor o fechamento das filiais, a venda da frota de caminhões e a transferência de 120

⁸⁶ Dr.Minoru Matsunaga, pesquisador do IEA -SP, em entrevista à Gazeta Mercantil, 15 / 09 / 94.

⁸⁷ Takashi Yamauchi, superintendente da Centralflores, braço comercial da Associação Central dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Estado de São Paulo - em entrevista ao jornal Gazeta Mercantil em 04 / 08 / 95.

funcionários. Cada produtor ficou responsável pela comercialização de seus próprios produtos.

A partir de 3 de abril de 1989, inicia-se de forma rudimentar o primeiro pregão de flores da América Latina - o "Veiling Holambra", que passou a comercializar flores e plantas, todos os dias pela manhã. Em 1991, o processo passou a ser totalmente informatizado, com a instalação de um relógio para *veiling*, vindo da Holanda⁸⁸; hoje (1997) é substituído por um eletrônico de origem belga⁸⁹.

A introdução dessa inovação técnica impõe regularidade e precisão às atividades do processo produtivo. Como um verdadeiro "império do tempo medido"⁹⁰, o relógio do *veiling* domestica o tempo da produção, do mercado e do consumo de flores e plantas ornamentais holambrenses.

Os produtores passam a programar a produção, adaptando-a antecipadamente às flutuações do mercado - levando em consideração tanto a quantidade quanto a qualidade dos produtos.

Se havia problemas de circulação e distribuição da produção, o produtores trouxeram o mercado para a área rural. Se havia problemas com o período de estocagem (5 a 8 dias) de produtos tão perecíveis, hoje eles não mais existem. Se havia ociosidade de 60% da capacidade de produção instalada, há um crescimento de 30% ao ano do volume de comercialização. A carteira de produtos que anteriormente ofertava 300 itens hoje apresenta 1500 variedades. O número de associados ao *veiling* informatizado passou

⁸⁸ Aki, *op. cit.*, s / data, p.53.

⁸⁹ Jornal *O Estado de São Paulo*, 27 / 04 / 97.

⁹⁰ Santos, *op.cit.*, 1996,p.243.

de 48 para 160 e a carteira de clientes conta com cerca de 1000 varejistas e 170 atacadistas que atendem a mais de 3000 pontos de venda.

O pregão de flores é uma resposta aos problemas típicos de mercado de produtos perecíveis e com grande variedade de espécies, produzidos por muitos agricultores em escala assimétricas - fatores que dificultam a tomada de preço por quaisquer atores do mercado ou conferem grande poder de negociação para os compradores, em prejuízo do produtor e do consumidor.

Instalado em meio à área de produção, o próprio edifício do *veiling* é um objeto técnico; dotando o território de uma intencionalidade específica: a mercantil.

O adensamento dos sistemas técnicos no território, que se apresenta como consequência e causa da vocação mercantil da cooperativa desde sua instalação, acaba por aprofundar e alargar o processo de racionalização adotado em todos os aspectos da vida social.

“Esse mundo da técnica invasora é também o mundo do capital tecnológico invasor que busca, e consegue, contagiar as diversas tarefas rurais. É assim que se expande no campo o domínio desse capital hegemônico com as suas exigências de racionalidade, impondo novos usos e novas definições do tempo social. Juntos, as novas técnicas e o novo capital, deixam de ser, como no passado, exclusivamente particular de atividade e se espalham por todo corpo social, tornando-se os verdadeiros regedores do tempo social.” (SANTOS, 1996, 243).

3.4 A urbanização corporativa do espaço holambrense.

A Cooperativa Agropecuária Holambra (CAPH), um grupo empresarial que reúne 326 associados exerce, de fato, um papel de controle do território via produção, mercado e consumo. Seu desempenho na conformação técnica do território é considerável; no entanto, a conformação social não repercute tantas vantagens. (Tabela - 3)

Tabela 3 - Distribuição dos Empregos por Ramos de Atividade Econômica, Segundo Faixa de Rendimento Médio Mensal - HOLAMBRA: 1993

Atividade Econômica	Salário Mínimo						Ignorado	Total
	0 a 1	1,01 a 3	3,01 a 5	5,01 a 10	10,01 a 20	mais de 20		
Agr.Cr.Anim.	7	386	33	16	3	2	13	460
Ind.Mecânica	0	25	0	0	0	0	0	25
Ind. Mobiliario	0	12	0	0	1	0	0	13
Constr.Civil	2	99	11	0	0	0	1	113
Com.Varejo	2	18	7	1	0	0	0	28
Com.Atacado.	1	9	2	2	3	0	1	18
Ser.Aloj / Alm.	1	26	2	0	0	0	0	29
Outros	5	18	5	6	0	0	1	35
Ativ.N.Espec.	2	13	9	2	0	0	0	26
Total	20	606	69	27	7	2	16	747

Fonte: RAIS, Ministério do Trabalho
Elaborado pelo Autor.

A produção do espaço holambrense tem uma característica singular por ter sido, desde o projeto, programado para servir uma corporação empresarial agrícola; no entanto, os níveis salariais pagos aos trabalhadores são tão baixos quanto aos pagos aos brasileiros.

Toda dotação infra-estrutural do território aí está, cedida pela corporação para cumprir uma finalidade funcional, em benefício dos associados e da operacionalidade racional da firma.

Mantendo a propriedade e administração do sistema de captação e distribuição de água encanada e tratada que abastece parte da população

e da rede elétrica implantada em 1966 em parceria com a Cooperativa de Eletrificação Rural de Moji-Mirim, a Cooperativa mantém ainda planos de financiamento de casas para seus funcionários.

A instalação e administração desses equipamentos de uso coletivo, sob o comando da Cooperativa, constitui a base material e instrumento de poder político da empresa. “Desse modo, o território não é apenas o teatro do jogo econômico: ele se torna fator determinante,... ele é a base comum de operação para todos os atores, mas é sobretudo favorável à corporação.” (SANTOS, 1993, 107).

Nessas condições, complementar a essa tecno-esfera, conjunto de objetos técnico-organizacionais que vão se instalando no território, conforme uma racionalidade instrumental (princípio organizador dos subsistemas econômicos e políticos), cria-se uma psico-esfera⁹¹ (cujo pano de fundo é o mundo vivido) como materialização, nos mecanismos que regulam os conflitos; na padronização do mundo, dos valores culturais formadores de uma nova identidade social.

A racionalidade que permeia a psico-esfera é, então, a mesma que normatiza a ação instrumental. Esta última é que balizada por uma ciência com todas as propriedades e qualidades traduzidas em linguagem

⁹¹“Técnoesfera e psicoesfera são os dois pilares com os quais o meio-técnico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade, no próprio conteúdo do território”, Santos, M., op.cit., 1996, p.204; A. C. T. Ribeiro, “Matéria e Espírito: o poder (des)organizador dos meios de comunicação”, in: Piquet, R. A, 1991, p.48; Santos, M., *A Urbanização Brasileira*, São Paulo: Ed.Hucitec, 1993, p.47.e Santos, M., “Aceleração Contemporânea: tempo mundo e espaço mundo”, Conferência por ocasião do Encontro Internacional *O novo mapa do mundo* - São Paulo:USP, setembro, 1992, (mimeo).

matemática, exclui os predicados axiológicos e culturais com os quais os objetos assumem sentido e valor.⁹²

É nesse sentido que podemos dizer que o traço dominante da urbanização do espaço holambrense é a reprodutividade da própria racionalidade do sistema empresarial que aí se constituiu, convertendo-se mesmo numa ideologia legitimadora da manutenção e crescimento do próprio sistema.

3.5 O processo de emancipação do município: contratempo ou saída para crise da CAPH?

Visto que a produção material e de serviços tem reconhecido crescimento⁹³ no território da cooperativa, na mesma medida se avolumam problemas urbanos - aqueles mesmos tradicionais problemas de demanda de água, esgoto, habitação, transporte. Essas questões, examinadas sob a óptica da gestão econômica e administração política do processo de urbanização, sua dinâmica, seu ritmo e implicações geopolíticas, na Holambra denunciam mais uma vez os diferenciais que integram o todo, ordenando-se no espaço do lugar.

⁹² "A exatidão calculista da vida prática", "a precisão efetuada pela difusão universal de um relógio de bolso", "a integração de todas as atividades em um calendário estável e impessoal", "a perseguição desregrada ao prazer", "a incapacidade de reagir a novas sensações, o embotamento do poder de discriminar"... são algumas das fontes daquela atitude *blasé*, atitude típica do habitante da metrópole moderna para quem "o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância."- Simmel, G., "A Metropole e a Vida Mental", in: Velho, O.G., *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed.s / data, *copyright*, 1987.

⁹³ A cidade apresentou um crescimento de 20% na área comercial, no período de 94 / 96. São empresas de acessórios agrícolas, atacadistas de flores e plantas, restaurantes, empresas de consultoria, bancos e supermercados. Dados da Associação Comercial do Município de Holambra.

O núcleo urbano, que vai se configurando no território da cooperativa, localiza-se entre quatro municípios da região de governo de Campinas (5ª região administrativa do Estado de São Paulo) - Artur Nogueira, Jaguariúna, Santo Antônio de Posse e Cosmópolis. (Figura 6)

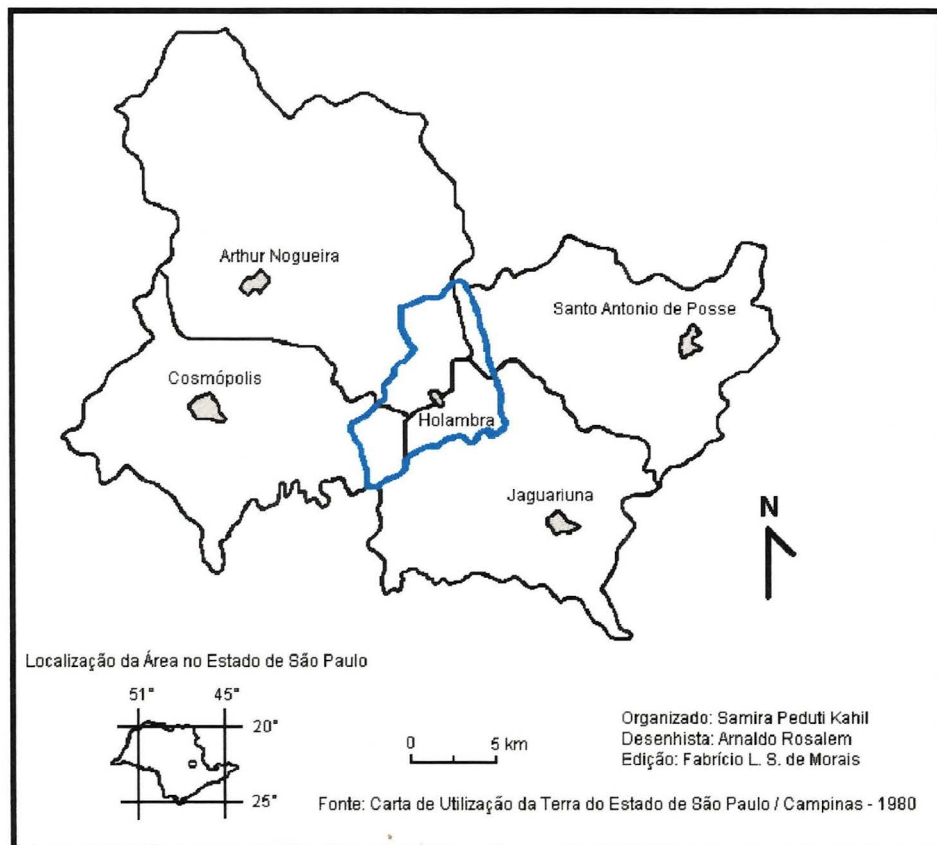


Figura 6 - Divisão Administrativa do Município de Holambra

Fonte: Carta de Uso da Terra do Estado de São Paulo - Folha Campinas, 1980.

Essa situação, se de um lado responsabiliza a cooperativa a custear meios de consumo coletivo, de outro lhe outorga poder estatal, ainda mais que os governos municipais se mostram, em geral, administrativamente impotentes.

Enquanto vetor decisivo de viabilização da produção, a Cooperativa Holambra se dispõe a imobilizar capital para compor

tecnicamente o território, investindo em infra-estruturas, como condição geral de reprodução do seu próprio capital.

Como consequência e não causa dessa urbanização, os problemas de transporte, saneamento básico, saúde, segurança, passam a constituir desafios no cotidiano da vida urbana holambrense, cuja solução implica despesas que não são necessárias, nem rentáveis ao capital privado, ou seja, os meios de consumo coletivos.

Entre investir nas condições gerais da produção diretamente necessária à reprodução do capital e as exigências por condições gerais da produção que não são necessárias à reprodução do capital⁹⁴, a questão urbana na Holambra se torna um problema geopolítico.

“As ações não se localizam de forma cega. Os homens também não. O mesmo se dá com as instituições e infra-estruturas.” (SANTOS, 1996:100).

Submetida às reestruturações impostas por vetores hegemônicos da política econômica nacional e mundial, a cooperativa passa por momentos de crise financeira, exigindo enxugamento e realocação das despesas.

Ainda que na década de 80, os discursos políticos contemplassem propostas e diretrizes de descentralização e participação democráticas de gestão dos territórios municipais, tanto o legislativo quanto

⁹⁴ Jean Lojkine, discutindo sobre os limites capitalistas da urbanização, coloca essa dissociação entre o conjunto dos meios de consumo coletivos e o conjunto das outras condições gerais da produção para explicar o modo de inserção do capital na hierarquização, critério e seleção de investimentos em forças produtivas. Lojkine, J., *O estado capitalista e a questão urbana*, São Paulo: Martins Fontes, 1981.

o executivo de nossas cidades não abrem mão de prerrogativas arcaicas⁹⁵ no trato da coisa pública.

A constituição do núcleo urbano, na antiga Fazenda Ribeirão, localizado exatamente no limite administrativo entre dois municípios (Artur Nogueira e Jaguariúna), favorece o exercício hegemônico da racionalidade empresarial corporativa sobre os sistemas de ações sociais, assim fragilizados, tanto pelo desafio de habitar um lugar onde os lotes não têm escritura definitiva, e cujos proprietários ainda têm seus imóveis vinculados em termos legais à Cooperativa, quanto por terem sua representatividade de cidadãos lembrada apenas naqueles momentos de favorecimento eleitoral.

Torna-se cada vez mais difícil fazer-se representar. Os holambrenses são eleitores em Jaguariúna e em Artur Nogueira. A divisão do núcleo urbano favorece ainda mais práticas políticas clientelistas. Com um número aproximado de 3200 eleitores em 1991, 1500 votam em Artur Nogueira e seus vizinhos 'do outro lado da rua'; 800 eleitores votam em Jaguariúna. A comunidade ainda convive com códigos de obras, de edificações, de posturas e de tributos distintos.

Apesar de contribuir com impostos ao Estado e municípios que abrigam seus cooperados, a Cooperativa gasta cerca de US\$2milhões em serviços públicos. "Essa situação tem levado a comunidade a desejar a emancipação da Holambra, o que a transformaria em município", comenta

⁹⁵ A disseminação das práticas clientelistas e patrimoniais da política brasileira são exemplarmente esclarecidas por José de Souza Martins em "*O Poder do Atraso - Ensaios de Sociologia da História Lenta*", São Paulo: Hucitec, 1994.

Kager, presidente da Cooperativa. Aprovando a idéia, Kager declara que tais transformações devam ser cautelosas para que, "da mesma forma que aprendemos a cultivar flores geneticamente perfeitas, teremos de aprender a fazer política construtiva que mantenha a integridade de nossas conquistas". (*Revista Visão*, 18 set. 1991, p.29).

À medida que o momento histórico atual dificulta a manutenção de posições autárquicas, dado que as interrelações políticas e econômicas se produzem em escala mundial, as relações entre os lugares e deles como unidades políticas com outras unidades corporativas, geram relações de tensões. Dessa forma, estão em jogo as relações de poder político e poder econômico entre unidades geopolíticas.

É clara a ambigüidade da situação da CAPH, cujos interesses em flexionar-se frente às exigências de uma economia globalizada e também para desfazer-se de gastos com meios de produção coletivos, ou seja, desfazer-se do poder de dominação física do território e, ao mesmo tempo, manter o poder de dominação econômica e política.

Através dos trabalhos de uma Comissão Pró-Emancipação⁹⁶ e de um projeto de autoria dos deputados Néelson Nicolau (PMDB) e Barros Munhoz (PTB), a Comissão de Assuntos Municipais da Assembléia Legislativa dá parecer favorável, em 27 / 11 / 90, à propositura de transformação da comunidade de Holambra em município autônomo.

⁹⁶ Entre outros, participavam dessa comissão os Srs. Dick Shoenmaker, Antônio de Almeida Brandão, Enivaldo Antônio Lobo (gerente financeiro da CAPH-1991) e Celso Capato (que a viria ser o primeiro prefeito do novo município - eleito no ano de 1992, pelo PSD)

Nesse documento consta que a CAPH se compromete⁹⁷ a doar ao novo município o aterro sanitário, o centro médico, a caixa d'água, cemitério, as instalações para a futura Prefeitura e terrenos centrais reservados às futuras instalações municipais. Tais instalações deverão ser alienadas à Prefeitura que assumirá o ônus.

Configura-se então, na esfera pública, uma atmosfera pronta para aclamação plebiscitária, não uma opinião pública, mas um clima de opinião. O interesse privado ao tornar-se público, se faz publicitário à medida que o cálculo manipulativo se utiliza das ofertas que a esfera privada endereça à comunidade, provocando reações previsíveis.

Em 27 / 11 / 91, de 2532 eleitores cadastrados em Holambra, 1591 foram às urnas e 96,4% votaram a favor da emancipação.

Com um território de 65 km² e área urbana de 4,11 km², o município tem uma população estimada⁹⁸ em 5 mil habitantes. Em 1992, 3299 eleitores elegem o primeiro Prefeito e uma Câmara Municipal composta de 13 vereadores. Quatro anos após a emancipação e de gestão pública do município, a eleição municipal de 1996, teve um único candidato⁹⁹ para um número de 5010 eleitores.

⁹⁷ Carta endereçada ao Grupo Urbano Pró-Emancipação, pelo presidente da CAPH, Sr. Hendrucus Nicolau J. Wit, em 29 de novembro de 1988.

⁹⁸ Dados da Fundação Seade estimam para o município uma população de 5960 habitantes, em 1993 e 6218 em 1994. A fundação, elaborando dados do IBGE e IGC, calcula uma densidade demográfica para a Holambra de 95,66 hab / km², em 1994.

⁹⁹ Em pesquisa realizada pelo *Jornal da Cidade*, em julho de 1996, 67% das pessoas entrevistada não concordavam em ter apenas um candidato. “Segundo o presidente da Cooperativa, Sr.Kager, o fato da Holambra ter um só candidato é bom no momento, porque o candidato é indicado pela equipe do atual prefeito. É um direito dele com meu apoio.” Para Fábio Lobo (vereador), “a situação que a Holambra vem enfrentando, a Cooperativa e a Prefeitura são duas forças que devem se unir para fazer o trabalho direito”. in: *Jornal da Cidade*, 19 / 07 / 96, p. 3.

Nesses quatro anos de gestão pública, foram discutidos projetos de segurança, asfaltamento e paisagismo; 90% da área urbana recebeu rede de esgoto; 80% recebeu rede de água¹⁰⁰. Levou-se ainda à Assembléia Legislativa de São Paulo um projeto para tornar o município cidade agroturística.

Nesses primeiros momentos, a ação política local aparece muito permeada e orientada por interesses particulares da atividade especializada e hegemônica que acaba por caracterizar a Holambra como “A Cidade das Flores”.

Vive-se aí um mundo instrumentalizado, em que as relações são mediadas pelas coisas. A condição social dos indivíduos, seu padrão de vida, a satisfação de seus desejos, sua liberdade e seu poder são inteiramente determinados por um novo sistema de valores. Aqueles que procedem da racionalidade técnica - a *performance*, o funcional, o operatório; enquanto outros são reflexos ideológicos do mercado - rentabilidade, flexibilidade, mobilidade.

Esses valores veiculados pela mídia¹⁰¹ acabam formando uma cultura de especialistas para quem a política se faz espetáculo do qual só atores hegemônicos participam. Uma cultura de especialistas, cujo vocabulário debilita os vínculos da espontânea compreensão cotidiana entre

¹⁰⁰ Informações cedidas pelo arquiteto da Prefeitura, José Antônio Dias.

¹⁰¹ Uma leitura do que vem sendo publicado na mídia local nos mostra o poder hegemônico da CAPH em tematizar todos as questões que, no município, estiveram e estão em manchetes. As pesquisas sobre o município que realizamos em diversos jornais na Holambra: o *Jornal da Cidade*; em Campinas, o *Correio Popular*; em Jaguariuna, a *Gazeta Regional*; em São Paulo, a *Gazeta Mercantil*. Em nenhum, não encontramos nenhuma notícia sobre as relações de trabalho ou sobre os trabalhadores da agricultura holambrense.

os sujeitos, cuja identidade é abalada por normas universais racionalizadas, resultando cidadãos irresponsáveis, indivíduos despersonalizados.

Do culto narcísico das classes hegemônicas às relações sociais alienadas, resulta um espaço reificado, obra da estandarização e padrões estereotipados de valores e normas de ação com vista ao êxito, cujos interesses particulares se escondem em um espaço carregado de signos e valores hegemônicos, não delineados claramente e que ajustam os indivíduos ao "coletivismo antropofágico".

IV - HOLAMBRA: A CIDADE DAS FLORES

4.1 A cidade como instrumento do mercado de flores: alta produtividade espacial

Se a crescente internacionalização do capital e o aumento da articulação capitalista contemporânea contribuíram para acentuar a tendência à concentração e à centralização do capital, ao mesmo tempo contribuem para a formação de grupos econômicos e a conseqüente redução proporcional dos capitais autônomos.

Sob o efeito dessa nova onda da internacionalização do capital, simultânea e interrelacionada com os novos padrões científicos e tecnológicos de produzir, a cooperativa buscou adaptar suas estruturas econômica, social e política. A contratempo das políticas de privatizações, a estratégia do grupo cooperado foi estatizar pedaços de seu território como solução econômica de investimentos em meios não-produtivos. "Em certos países capitalistas, o que é que a empresa "privada" deixa para os organismos "públicos", a não ser aquilo de que ela não se encarrega por ser demasiado oneroso?". (LEFEBVRE,1991:79)

A emancipação de uma comunidade que não chegara a ser distrito, criou uma cidade reduzida a instrumento de uma organização econômica, segundo a qual as necessidades urbanas são repertoriadas e teleguiadas. Com o pretexto de organizadora, a empresa dissolve o organismo, subordina os setores e as funções urbanas às suas decisões e necessidades.

A Holambra nasce assim dessa combinatória monótona de ações e objetos com um mesmo sentido - de coisa-ação e coisa-mercadoria, que recobre o espaço de ordens e signos, e predomina sobre ele como vocação mercantil, quer no campo, nas áreas públicas, quer nas residências, quer nas áreas de comércio.

Nesse sentido o vetor hegemônico é o de uma modernidade imitativa em que, à velocidade das transformações, sincronicamente às reestruturações mundiais da economia e do mercado fazem do lugar um espaço da globalização.

Esse novo sub-espço toma forma - como externalidade tecnológica manifesta que contém um aspecto diretivo - como forma-conteúdo, como lei fenomênica da formação sócio-espacial.¹⁰²

O movimento da totalidade empírica, que se deixa mostrar como essência / conteúdo (globalidade) e como existência / forma (localidade) é um movimento unificador e monótono de formação de uma identidade social cuja diversidade se esconde por detrás de valores culturais produzidos também para o mercado.

Em Holambra a criação de uma psico-esfera sobre aquela base técnica existe mesmo materializada no espaço. Os valores e significados que os holambrenses vão dando aos objetos estão todos perfeitamente adequados e inteirados à atividade local e hegemônica da produção

¹⁰² Nesse sentido ver Hegel, G.W.F., *Enciclopedia della scienze filosofiche in compendio*, Bari: Laterza, 1923, v.I p.123, "Ainsi la forme est *contenu* et, dans son caractère le plus développé, elle est la loi du phénomène. Apud: Sereni, E., "De Marx a Lénine: la catégorie de "Formation Économique et Sociale"", in: *La Pensée*, 1971, n159, p.19.

flores. Assim, quem constrói em Holambra suas casas residenciais ou comerciais, segundo os padrões estéticos da arquitetura holandesa, enfeitando com flores e cortininhas amarradas, tem até 50% de abatimento no Imposto Territorial Urbano.

Nessa direção, o próprio espaço público se apresenta como um meio técnico, seguindo aquela racionalidade derivada do padrão de decisão econômica, funcionando perfeitamente adaptado ao sistema tecnocrático, ao invés de se ligar às necessidades do sistema social.

Na conjugação de interesses técnico-econômicos e políticos, o espaço da cidade se torna altamente produtivo e rentável. Com uma lógica abrangente, toda diferenciação espacial que o lugar contém, assume crescente importância. No conjunto de objetos e ações, no espaço holambrense, como reflexo e fator de realização do mercado, o que conta é performático, funcional e operacional e, por conseguinte, um lugar oportuno para obter rentabilidade crescente.

4.2 Atividades culturais: sob o signo das flores.

Se na sucessão regular das ações no lugar, propugna-se uma modernização; no entanto, a modernidade, enquanto reunião, conjugação, não contempla a sociedade halambrense. Mesmo a festa e o lazer, o jardim público, os museus, são somente permeios de realização daquela modernização econômica. O que não se realiza, enquanto modernidade, é a ruptura¹⁰³. Destituído de crítica, o progresso (ideal da modernidade) dos

¹⁰³ “Se a imitação se torna simples repetição, o dialogo cessa e a tradição se petrifica; e do mesmo modo, se a modernidade não faz a crítica de si mesma, se não se postula como ruptura e só é uma prolongação do “moderno”, a tradição se imobiliza..” “A tradição não

valores culturais não se realiza e a imitação se torna simples repetição. A própria originalidade do lugar parece um lugar-comum do nosso tempo.

Perguntado sobre a festa mais característica do lugar, aquela que reúne a sociedade holambrense, a resposta é, no mais das vezes, a *Expoflora*.

Realizada pela primeira vez em 1982, a exposição de flores da Holambra é mais uma atividade da cooperativa para otimizar o tempo de circulação da mercadoria no momento de pico da safra: a primavera.

Considerada a maior feira de flores da América Latina, todo ano, com uma média de 150 mil visitantes, a exposição fica aberta de quinta a domingo, durante todo o mês de setembro e tem tido um faturamento médio de US\$2 milhões, desde 1991.¹⁰⁴

Em 1994, foi construído o Centro Turístico Holambra - uma área de 60 mil m² no centro do município que reúne pavilhões de exposição, restaurantes, área de estacionamento e *play-ground*. Nesse ano (94), a CAPH inaugurou, ainda, uma Central de Reservas - um serviço de atendimento para visitantes nacionais e do exterior. Estima-se que duas mil pessoas visitem o Centro Turístico durante o ano.

Imprevisto, a emancipação do município criou um problema para organização da feira que, para cobrar o ingresso¹⁰⁵ à exposição, tem de fechar as entradas de acesso ao centro da cidade. A solução tem sido um

é continuidade e sim ruptura e daí que não seja inexato chamar à tradição moderna: tradição da ruptura.” Octavio Paz, *Signos em Rotação*, São Paulo:Perspectiva, 1976.

¹⁰⁴ Conforme declarações da Cooperativa ao jornal *Gazeta Mercantil* de 05 / 09 / 91; 08 / 09 / 92; 23 / 08 / 93; 23 / 08 / 94; 28 / 08 / 95;15 / 05 / 96.

¹⁰⁵ O ingresso à exposição em 1996 custava R\$10,00 ao visitante.

credenciamento dos automóveis da população residente que, de preferência, deve utilizar-se de estradas vicinais existentes entre as propriedades rurais para, nesse período, entrar na cidade e dela sair.

Em razão da crise financeira da cooperativa, em 1996, a feira tornou-se uma festa organizada por toda comunidade holambrense. A CAPH participou da organização através da concessão do Centro Turístico, as flores e o empréstimo dos funcionários. Uma parceria com a Yopa garantiu o investimento necessário: R\$1,8 milhões para realização da 15ª edição da Expoflora que teve como *slogan* "Uma festa para quem ama a natureza".

Parece assim que mais uma vez, e desta vez mais dissimulada pela preparada "participação popular", é possível imputar ao evento uma preocupação com a subordinação à unifuncionalidade, à funcionalidade mercantil. O que aparece na superfície é um espectro da cidade e do urbano, encoberta e revestida por ações que não se comunicam, nem no cotidiano fragmentado, nem na festa, cujo sentido maior - o da proximidade com o outro, ou que seja com a vida representada na flor que por fim se adquire - parece agonizante diante dos nossos olhos.

4.3 Turismo: vocação estratégica

Conjugado à força da cooperativa, o poder público procura assegurar e assumir o processo de urbanização. Como se fosse possível fazê-lo consolidar do alto, instituiu um projeto regulamentar para a forma urbana.

O poder público justifica, por exemplo, seu projeto de cidade turística, enviado à Embratur (10 / 11 / 94)¹⁰⁶ “pela grande potencialidade da Exposição Anual de Flores e Plantas - Expoflora, ...das danças folclóricas, comidas típicas, ...exposição de materiais para construção de estufas e de embalagens, construções com fachadas típicas holandesas, sendo que até o Banco Itaú construiu sua agência, com fachada típica para seguir a arquitetura da cidade.”

A cidade, como objeto, assume ares de uma exposição, uma vitrine, um grande mercado onde turistas, consumidores passivos, se deleitam com o espetáculo. O núcleo urbano constituindo-se a partir de um sistema de valores que não se processa, mas é produzido, torna-se produto de consumo de alta qualidade para turistas. O projeto urbano, assegura-se assim graças a esse duplo papel: “lugar de consumo e consumo do lugar”. (LEFEBVRE, 1991:12)

Esse urbanismo dos administradores públicos perfeitamente integrado ao projeto de urbanismo dos promotores de venda, esboça-se em Holambra, como uma estratégia de diversificação do mercado, através de uma publicidade que revaloriza o meio rural como “meio ambiente preservado”, consumível como um “novo estilo de vida”.

¹⁰⁶ Citação do documento de Deliberação Normativa nº 324 / 93 de 06 de dezembro de 1993 - Roteiro de Informações Básicas para Identificação de Municípios Prioritários para o Desenvolvimento do Turismo - RINTUR, assinado pelo então Prefeito do Município de Holambra, Celso Capato, pelo Líder do Poder Legislativo, Andreas A. A. Graat e um Líder Empresarial, Antonio Hulsof.

A cidade que se realiza através de signos entregues ao consumo - os próprios signos da cidade, da vida urbana, da natureza e do campo, não permite que o urbano se processe no cotidiano.

Não é que se deixe de urbanizar a cidade equipando-a com os macrossistemas técnicos¹⁰⁷, os conjuntos habitacionais ou outros serviços públicos essenciais. Mas isso tudo não constitui todo o urbano. O urbano é uma forma social, a forma do encontro simultâneo de uma sociedade com seu entorno.

¹⁰⁷ “São sistemas técnicos, sem os quais outros sistemas técnicos não funcionariam”; são sistemas que “promovem grandes trabalhos, (barragens, vias rápidas de transporte terrestres, aeroportos, telecomunicações, etc..) tal como foram descritos por Pierre George (1986,p.192ss.) em *L’Action Humaine* e constituem o fundamento material das redes de poder.” Santos, M., *op.cit.*,1996: 142.

V - CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Tudo que descrevemos durante o estudo do lugar caracteriza-se pela análise. Para concluir, vamos dar um passo final em direção a uma síntese¹⁰⁸. Desde que ordenamos nossa análise, segundo um caminho evolucionista da experiência de um povo no lugar, parece natural sustentar nossas conclusões pela reflexão - um retorno ao que foi refletido sobre o objeto - o espaço.

Um procedimento reflexivo não se limita a descrever a realidade ôntica, mas põe em questão e interpreta-a articulando-a com a ontologia. “Uma ontologia é uma teoria do que existe. Dizer que alguma coisa tem *status* ontológico é dizer que existe.” (HARVEY, 1980:248)

A existência é um meio entre o real dado, a situação e a realidade que é um componente estrutural do pensamento. O caminho que percorremos, buscando a existência do mundo no lugar foi o de, com o cuidado de não nos arrogarmos construir arbitrariamente o sentido do lugar no mundo, apreendermos e interpretarmos as significações que são dadas no mundo do lugar, para agora interrogá-las, a partir delas, sobre as ações e objetos que as criam e as organizam. “A reflexão é uma exegese do existente.” (RESWEBER, 1979:56)

¹⁰⁸ Ao emprendermos a análise da formação de um lugar, estudamo-lo através da interação de seus ‘momentos’. Momento antecedente, que é condição e / ou fases do desenvolvimento do todo. Momentos que podem ser encontrados no mundo atual, ainda que transformados são elementos integrados e modificados pelo todo. Pensamos que a síntese deva situar o ‘momento’ no todo, no movimento, no conjunto das relações, sob a forma da simultaneidade e dos encontros. “A análise, separação dos momentos, não pode ser senão um momento do pensamento vivo.” “O movimento do pensamento começa a nos aparecer na totalidade dos seus momentos: analisados, determinados cada um em seu posto e recolocados no conjunto.”. Lefebvre, H., *Lógica formal e lógica dialética*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira:1991,119, 120 e 178.

Esse caminho nos levou ao desafio de confrontarmos existência e essência, unidade e diversidade se queremos compreender a totalidade do mundo e dos lugares neste fim do século XX. "A totalidade é a realidade em sua integridade". "A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações e em seu movimento." (SANTOS, 1996:94).

Procuramos mostrar com este estudo que o lugar é um conjunto estruturado de objetos e ações internamente relacionados de tal modo que em sua plenitude potencializam a totalidade em sua essencialidade. Ao perguntarmos como esta totalidade se estrutura e como estas estruturas mudam, encontramos o significado explicativo da atualidade da situação como um resultado dinâmico, um processo, uma situação em movimento.

As situações que a cada momento indicam as temporalidades passadas, presentes e futuras existem como essencialidade, como processo de totalização. Nessa direção do tempo, transformam-se e, no lugar, objetos e ações, aparecem como totalidades dinâmicas. No curso das transformações, as relações dinâmicas da sociedade participam do lugar, através de interações, conflitos e ordens - um conjunto em processo de totalização.

No conjunto, as temporalizações práticas e espacializações práticas participam da formação sócio espacial do lugar, como totalidade e totalizações.

Estas reflexões contribuem para concluirmos a análise dos momentos que constituem o sentido do homem no mundo e sua condição

temporal: o sentido de situação - um já aí revelador da facticidade de sua existência - práticos inertes. Da relação desses momentos, na presença das ações - o espaço do lugar. Pela compreensão, de não estar somente lançado no mundo, mas de existir como lançado no modo de ser do projeto.

Uma periodização foi então fundamental para análise do tempo-espaço da Holambra: um projeto de emigração que dada a compreensão de situação lançam os holandeses num projeto de construção de uma territorialidade nova (item - I). Da situação de estar lançado no mundo, da memória de um modo de ser no mundo holandês (item - II), as relações se renovam e o que era potência torna-se ato (item - III) e diversifica-se o mundo no lugar (item - IV).

Das transformações, pelas quais se produz como forma-conteúdo a unidade do lugar, participam as pessoas, as classes, as instituições, as empresas - estas, como vimos, são hegemônicas, capazes de mudar a direção das ações, as funções dos objetos e do conjunto - o espaço do lugar. Essa ordem unitária é uma totalidade de relações, cuja estrutura interna determina qualitativa e quantitativamente o valor das variáveis, consagrando a especialidade do lugar.

Assim como de modo funcional os objetos e ações são dispostos para preservar-se e reproduzir-se como uma totalidade local, na direção das transformações o conjunto das totalizações moldam o lugar de modo que funcione para preservar a existência e a estrutura geral do todo.

O processo de globalização, que no período atual atinge mesmo todos os lugares e indivíduos, não se constitui simplesmente na

transformação dos sistemas de valores econômicos e / ou culturais, agora amplificados em um sistema-mundo. Este não é resultado de uma simples combinatória de relações da parte com o todo, ou de existenciais e essenciais; é, ao mesmo tempo, conseqüência complementar e condição contraditória das transformações. Estas se realizam pela mediação da experiência e da prática de indivíduos diferentemente situados em relação ao sistema.¹⁰⁹

O período atual pode ser caracterizado pelo novo conjunto de possibilidades concretas que tem modificado a relação entre os lugares e o mundo. Hoje, a instantaneidade da informação globalizada, possibilita experienciar o ritmo do mundo, tempos e lugares distantes; a unicidade da técnica, unificando o processo produtivo, parece restringir as diferenças e as distâncias; a mais valia, motor primeiro da acumulação de capital, se realiza agora num mercado também tornado mundial: o mercado financeiro internacionalizado.

A capacidade de cada lugar de se adaptar e a necessidade de participar das trocas em nível mundial, unifica o lugar ao mundo, mas as aspirações da coletividade local não se aniquilam frente aos vetores hegemônicos da economia e da cultura mundializada. Paradoxalmente, é do

¹⁰⁹ Renato Ortiz, em sua obra *Mundialização e Cultura* (1994:25) mostra a existência de diversos autores que buscam uma Teoria para explicar esse "sistema mundo", entre eles N.Luhman. Entretanto reticente, Ortiz assim pondera: "A proposta teórica possui certamente qualidades, pois responde a uma gama de perguntas relativas ao desempenho das forças econômicas e políticas do "sistema mundial". Ela encerra porém contradições, desvendando-nos seus pontos frágeis. Um primeiro aspecto diz respeito à ausência de atores individualizados. (...) Um segundo ponto refere-se ao grau de integração pressuposto pelo pensamento analítico."Mais adiante (*op.cit.*:29), Ortiz questiona: "o mundo é realmente sistêmico?", para concluir que (*op.cit.*:30) "Seria mais convincente compreender a mundialização como processo e totalidade".

próprio processo de globalização que se abrem hoje as possibilidades de uma consciência do mundo no lugar, as possibilidades de coabitar o mundo no lugar, as possibilidades de a cidadania local se regenerar e gerar uma cidadania mundial.

Essas possibilidades se concretizam, isto é, tomam existência, exatamente no momento do impacto das novas relações sobre as formas precedentes; é o momento em que não só o novo se produz, mas se dá como (re)-produção, (re)-criação, como obra.

Assim, o que caracteriza o lugar como único é exatamente a capacidade de receber as determinações das novas relações e (re)-produzi-las numa interação combinada com a narrativa local.

Aqui, afirmamos que o processo de globalização / mundialização é a essência do processo de organização do espaço / tempo da modernidade atual que se torna existência nos lugares, isto é, onde se realiza a simbiose entre a materialidade e a vida que a anima.¹¹⁰

*

* *

Da análise e reflexão chegamos ao entendimento do processo e é assim que podemos explicar a complementariedade entre o lugar e o mundo. Como dimensões que não podem ser isoladas nem reduzidas, o lugar e o mundo compõem uma totalidade real. Hoje, todos os lugares,

¹¹⁰Falamos em simbiose não na forma do metabolismo orgânico homogenizando distinções, mas como um sistema articulado de subsistemas orgânicos e organizacionais, num grau elevado de complexidade simbiótica e de interpenetração.

regiões, as nações, os continentes, o mundo todo tende a seguir os mesmos movimentos técnico, econômico e político.

O lugar como um espaço determinado por relações, implica a interação com o mundo e nos dá a explicação dessa interação, sua concretude num caso determinado: a conexão da unidade e diversidade através do particular. Num certo sentido, o lugar só existe através do mundo. É determinado pelo mundo, ele o supõe. O mundo é sua condição, sua essência, o momento essencial de sua determinação; o lugar não acrescenta nada ao mundo, senão traços secundários.

Desse modo, a conexão entre o lugar e o mundo se manifesta como uma conexão dialética. São ligados e contraditórios. A interação e o movimento que levam à existência do mundo no lugar, os envolvem e os impelem para um mesmo “fim”.

O mundo existe apenas através do lugar e só aparece nele. Só o lugar existe, como se o mundo fosse incapaz de existir por si mesmo. Conclui-se que o lugar existe por si mesmo, em certo sentido, independente do mundo

Todo um conjunto de razões históricas explicam a força de expansão desse movimento complementar e dialético¹¹¹ que atualmente permite trabalharmos o espaço do lugar em função do espaço mundial. Privilegiamos a técnica, por si mesma um modo de ação, como a força

¹¹¹ Entre uma multiplicidade de procedimentos dialéticos operativos e sua aplicação, George Gurvitch assinala que se opera a complementariedade dialética quando os termos ou elementos não podem ser isolados nem reduzidos uns aos outros mas compoem uma totalidade real. Gurvitch, G., *Dialectica y Sociologia*, Madrid: Alianza Editorial, 1969, (1ªed).p.258.

motriz e explicativa do processo de unificação entre o lugar e o mundo. É através dela, como mediação efetiva entre o local e o global, que o mundo aparece, existe no lugar, realiza a essência.

Se as totalizações, até então, podiam ser apreendidas somente ao nível do espírito e não eram completamente realizadas nos fatos, hoje, elas ocorrem primeiro nos fatos, antes de se impor ao espírito. “Pela primeira vez na história da humanidade, estamos convivendo com uma *universalidade empírica*.” (SANTOS, 1988:32 e 1996:92).

*
* *

Hoje “a técnica assumiu tamanha extensão geográfica que recobre o mundo.” (ELLUL, 1968:81). “O acontecimento é inédito..., nos diz Corbisier no Prefácio da obra de Ellul, ...a técnica tem sua vitória assegurada de antemão, destinada que é, por sua própria essência, ou lógica interior, a universalizar-se, na medida mesma em que se funda em uma ciência também universal. Lógica, objetiva, eficaz, representa o triunfo do que consideramos como propriamente humano, o “logos”, a razão, forjando assim, pela primeira vez na história, um instrumento de domínio da natureza e de comunicação entre os homens realmente universal”.

Mostrou-se aqui, na Holambra, a força do fenômeno técnico no contexto de uma formação social. Vimos que tanto o projeto de emigração como as reestruturações produtivas mais atuais são, no lugar, presididos pela racionalidade e eficácia. Estes são os valores predominantes do mundo moderno e terminam por estruturar o contexto social em função também de valores técnicos.

Os critérios que orientaram o projeto de emigração holandesa foram técnicos e perfeitamente adequados ao contexto otimista no progresso prometidos pela ciência, pela técnica e pela indústria, do mundo do pós-guerra. Foi um projeto técnico, pois um meio de resolver um problema econômico seria a garantia de os fazendeiros se reproduzirem como tal e suprirem suas necessidades materiais. Foi um projeto técnico, pois seria um meio de garantir a continuidade da solidariedade espiritual católica contra a ameaça da cultura racionalista urbana e do comunismo ateu.

Se a racionalidade não é evidente no projeto de emigração, já que se justifica na própria negação do mundo objetivo, na Holambra, no momento de sua execução, faz-se transparecer nas ações e objetos técnicos que vão organizando o espaço e seu uso. A racionalidade formal e real inerente ao modo de operação da empresa (CAPH), do mercado (Veiling), dos dirigentes municipais, tendem a predominar de tal maneira, que no lugar as ações e objetos, as relações e transformações são fundadas em valores constituídos no âmbito do mercado e a sociedade é vista como um vasto e complexo espaço de trocas.

É nesse sentido que podemos dizer que o traço dominante do sistema é a produtividade da própria racionalidade, para a qual a tecnociência tem trabalhado, convertendo-se mesmo numa ideologia legitimadora da manutenção e crescimento do sistema. É nesse sentido que podemos com Milton Santos, dizer que o "meio geográfico", que já foi "meio natural" e "meio técnico" é hoje, tendencialmente, um "meio técnico-

científico". Esse meio técnico-científico é muito mais presente como psico-esfera que como tecno-esfera.¹¹²

Da razão instrumental hegêmica, resulta uma "natureza artificializada, instrumentalizada ao extremo, que se recusa a deixar a si mesma entender diretamente."¹¹³

A recusa se dá exatamente à medida que esse mundo, produto do homem reduzido ao "eu penso", ao "homo metaphisico" de que nos fala Heidegger, encontra-se velado por sua própria razão, uma racionalidade, que na mesma medida, o domina. Essa maneira de o homem situar-se no mundo, em relação aos outros e às coisas, o coloca como sujeito: aquele que age sobre a natureza - dominando-a, e sobre os outros homens - com sua vontade de poder, cultuando sua autonomia individual como possibilidade da liberdade parecer completa.

"O perigo da técnica é precisamente o de esta lhe deixar acreditar que dominando a terra, vai ao fundo de todos os problemas e de todas as dificuldades, que a melhoria dos meios de ação caminha ao lado da perfeição ontológica do ser humano."¹¹⁴

¹¹² Santos, M. Aceleração Contemporânea: tempo mundo e espaço mundo, Conferência por ocasião do Encontro internacional *O novo mapa do mundo* - São Paulo:USP, setembro, 1992. (mimeo)

¹¹³ Santos, M. *O Espaço do Cidadão*, Nobel:SP, 1987, p:51

¹¹⁴ Resweber, M., *O Pensamento de Martin Heidegger*, Almedina:Coimbra, 1979, p:19

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R., Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão, São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro: Editora Hucitec / Editora Unicamp e Ampocs, 1992.
- ABREU, A. A., A Colonização Agrícola Holandesa no Estado de São Paulo, Holambra I, Tese de Mestrado apresentada ao Depto. de Geografia - USP, 1971.
- AKI, A.Y., O sistema Veiling na Comercialização de Hortifrutigranjeiros, Holambra (SP): Primon Editora, s / data.
- ANDRADE, M. C., Élisée Reclus - Geografia, São Paulo: Editora Ática, 1985, Tradução de Maria C. França
- BASBAUM, L., História Sincera da República - de 1961 a 1967, São Paulo: Editora Alfa - Omega, 1975
- BENKO, G. Economia Espaço e Globalização na aurora do século XXI, São Paulo: Editora Hucitec, 1996
- BLAEU, J., Grande Atlas do Mundo, Lisboa: Verbo & Real Sociedade Geográfica de Londres, 1990, 1º ed. Amsterdam, 1662.
- BOHR, N., Física Atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1957, Tradução Vera Ribeiro - Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1995.
- BORGES, A., Flores o Cultivo da Cor, São Paulo: M. D. Editora de Arte, 1995
- BRAUDEL, F., Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV - XVIII, Tradução Telma Costa, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1996.
- BURBACH, R., e Flynn, P., Agroindústria nas Américas. Rio de Janeiro: Zahar, 1982
- DARTIEGUES, A., O Que é Fenomenologia, Tradução Ana M. S. Araujo, Coleção Quid, Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1973.
- DAVIS, J. H., e Goldberg, R. A., A concept of agribusiness, Boston, Division of Resert / Graduate School of Business Administration / Harvard University, 1957
- DURÃO, V.S., "Crédito para exportar rosas". Gazeta Mercantil, São Paulo, 11 julho 1990, p.1

- EISNTEIN, A. e INFELD, L., A Evolução da Física, (1938), Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988, p. 22
- ELLUL, J. A Técnica e o Desafio do Século, Tradução e prefácio de Roland Corbisier, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FURTADO, C., Brasil, A construção interrompida, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- GATTI, E.U, "A evolução Recente do Comércio de Produtos da Floricultura no Brasil" *in*: Agricultura em São Paulo, Revista Científica do Instituto de Economia Agrícola, São Paulo, 38 (3): 101 - 107, 1991.
- Gazeta Mercantil, 1990 -1997.
- GODBERG, R. A., "Agribusiness deve crescer", O Estado de São Paulo, S.Paulo, 9 de dez.1990, p.16, c.5 (Caderno de Economia).
- GUIMARÃES, A. P. A Crise Agrária, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- GURVITCH, G., Dialéctica y Sociología, Traductor: Juan R. Capella, Madrid: Editora Castilla / Alianza Editora Madrid, 1969, 1971.
- HARVEY, D., A Justiça Social e a Cidade, São Paulo: Editora Hucitec, 1980.
- HEIDEGGER, M., Sobre o Problema do Ser - O Caminho do Campo, Tradução Ernildo Stein, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1968.
- HERBERS, R. G., Cooperativismo e desenvolvimento de comunidade rural: o caso de Holambra. Dissertação de Mestrado - Unicamp, Campinas, 1989
- HOBBSOWN, E. Era dos Extremos - O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- Jornal da Cidade, Holambra, 12 / 05 / 95, 18 / 08 / 95, 19 / 07 / 96
- KANGER, H., "Holambra renogocia a divida". Gazeta Regional, Jaguariuna, 26/11/96.
- LAUSCHNER, R., Agribusiness, Cooperativa e Produtor Rural, São Leopoldo, RS: Unisinos, 1993
- LEDROUT, R., Sociologia Urbana, Tradução de Maria Heloisa S. Reis, Rio de Janeiro: Editora Forense , 1971.
- LEFEBVRE, H, Lógica Formal e Lógica Dialética, Tradução de Carlos N. Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, 5ª edição.
- LEFEBVRE, H. O Direito à Cidade, São Paulo: Editora Moraes, 1991.

- LIPIETZ, A, Miragens e Milagres: problemas da industrialização no Terceiro Mundo, São Paulo: Nobel, 1988
- LOJKINE, J., O estado capitalista e a questão urbana, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1981.
- MARTINS., J. S., O Poder do Atraso: ensaios de sociologia da história lenta, São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- MATTELARD, A., Comunicação Mundo - História das Idéias e das Estratégias, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994
- MELO, F. H. DE, "Altos Juros para a Agricultura", Gazeta Regional, Jaguariuna, 10/02/96.
- "Mercosul", Brasil & Argentina: Folha de São Paulo e o Clarin, 26/01/1995
- MORAIS, A. C. R., "Historicidade Conciência e construção do espaço: notas para um debate", *in*: Souza, M. A. & Santos, M., (orgs) A Construção do Espaço, São Paulo: Nobel, 1986,
- MORIN, E., O Método I - A Natureza da Natureza, Portugal: Publicações Europa - América, 1977
- MÜLLER, G. A. - "Economia Política do CAI" *in*: Anais do XXIV Congresso da Sober Lavras, Sober, 1986.
- OFFE, C. Capitalismo Desorganizado, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989
- OLIVEIRA, F., Poder Econômico da Indústria do Estado de São Paulo. Relatório Final da Pesquisa - São Paulo: CEBRAP, abril / 1992, (mimeo)
- ORTIZ, R. Mundialização e Cultura, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- PALLOIX, C. "The Self - Expansion of Capital on a World Scale", *in*: Review of Radical Political Economy 9 (2), 1977, 1 - 28
- PAZ, O., Signos em Rotação, Tradução Sebastião Uchoa Leite, São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- PEQUENA GEOGRAFIA DA HOLANDA, Bureau Informatie - en Documentatie Centrum voor de Geografie, Haia / Utrecht, 1974.
- PEQUENO ÁTLAS FOTOGRÁFICO DA HOLANDA, Documentatie Centrum voor de Geografie, Edição do Ministério das Relações Exteriores, 1977.
- PIAGET, J., O Estruturalismo, Tradução de Moacir Amorim, São Paulo / Rio de Janeiro: Difel, 1979.

- PINAZZA, L. A. e ARAÚJO, N. B. Agricultura na Virada do Século XX, São Paulo: Editora Globo, 1993.
- POLANYI, K., A Grande Transformação - As Origens de nossa Época. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1944 / 1980
- PRADO JR., C., História Econômica do Brasil, São Paulo: Editora Brasiliense, 1972
- "Relatório Anual". Brasília, Banco Central do Brasil
- RESWEBER, J., O Pensamento de Martin Heidegger, Tradução de João A. dos Santos, Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- "Revista Balanço Anual 95 / 96", Gazeta Mercantil
- RIBEIRO, A. C. T., "Matéria e Espírito: O poder (des) organizador dos meios de comunicação, *in*: Piquet e Ribeiro, Brasil Território da Desigualdade: descaminhos da modernização, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora: Fund. Univ. José Bonifácio, 1991.
- SANTOS, M., A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo. Razão e Emoção, São Paulo Editora Hucitec, 1996.
- SANTOS, M., Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia, São Paulo: Editora Hucitec, 1988b.
- SANTOS, M., O Espaço do Cidadão, São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, M., Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico Informacional, São Paulo: Editora Hucitec, 1994a.
- SARTRE, J-P., A Imaginação, Tradução de Luiz R. Salinas Fortes, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- SERENI, E., "De Marx a Lénine: a catégorie de "Formation Économique et Sociale", *in* La Pensée, 1971, nº 159.
- SILVA, J. G., "Complexos Agroindustriais e outros complexos" *in*: Reforma Agrária, Campinas, novembro / dezembro, 1991.
- SIMMEL, G., "A Metrópole e a Vida Mental", *in*: Velho, O. G., (org.), O Fenômeno Urbano, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- SMITH, N, "Dangers of the empirical turn: some comments on the curs initiative", Antipode, 19:1, 1987, pp:59 - 68.

SMITS, M., Holambra, Geschiedenis van een Nederlandse toekomstdroom in de Braziliaanse werkelijkheid - 1948 / 1988, Nijmegen: Katholiek Documentatie Centrum, 1990.

WEBER, M., "Estruturas Sociais" *in*: Ensaaios de Sociologia, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1946,1979.

ZYLBERSZTAJN, D., (org), Estudos de Caso em Agribusiness, o processo de tomada de decisões nas empresas brasileiras. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1993.

VII - BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALLIEZ, E., "Estilhaços do Capital" *in*: Alliez, E; Feher, M. & Gille, D Contra Tempo - Ensaio sobre algumas Metamorfoses do Capital, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- ANDERSON, P., "Modernidade e Revolução", *in*: Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, nº14, fev, 1986, pp.2 - 15.
- AUGÉ, M., Não - Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade, Campinas, SP: Papyrus Editora, 1994.
- BAUDRILLARD, J., O Sistema dos Objetos, São Paulo: Editora Perspectiva, Coleção Debates, nº70, 1993.
- BECKER, B., e EGLER, C. A. G., Brasil: uma nova potência regional na economia - mundo, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.
- BENKO, G.B., "La dynamique spatiale de l'économie contemporaine: une introduction, *in*: Benko, (org) La Dynamique Spatiale de L'Économie Contemporaine, La Garenne - Colombes, France: Éditions de l'Espace Européen, 1990.
- BERGER, P. L. e LUCKMANN, T., A Construção Social da Realidade, Tradução de Floriano Fernandes, Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- BERMAN, M., Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade, São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BORNSTEIN, C. T., e VILLELA, P. R., "O Uso da Informática em Cooperativas de Laticínio: algumas reflexões sobre a modernização na agricultura." *in*: Reforma Agrária, Abra, 21 (3), set - dez, 1991, pp.53 - 73.
- BOURDIEU, P., "A Identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região" *in* Bourdieu, P., O Poder Simbólico, Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P., O Desencantamento do Mundo: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais, São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- BOYER, R., A Teoria da Regulação: uma análise crítica. São Paulo: Nobel, 1990.
- BRAUDEL, F., A Dinâmica do Capitalismo, Tradução Carlos V. Ferreira, Lisboa: Editora Teorema: 1989, 1ª ed. 1985.

- BRAUDEL, F., O Espaço e a História no Mediterrâneo, Tradução Marina Appenzeller, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988.
- BRETON, P., História da Informática, São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- CANO, W., Reflexões sobre o Brasil e a nova (des)ordem Internacional, Campinas, SP: Editora Unicamp / FAPESP, 1994
- CAPEL, H., Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea - Una introducción a la Geografía, Barcelona: Barcanova, s / data.
- CARLOS, A. F. A., "O Lugar: mundialização e fragmentação", *in*: Santos, M., Souza, M. A.; Scarlato, F. C., e Arroyo, M. (orgs.). O Novo Mapa do Mundo - Fim de Século e Globalização - São Paulo: Editora Hucitec - ANPUR, 1993.
- CARLOS, A. F. A., O Lugar no / do Mundo, São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- CASSIRER, E., Las Ciencias de la Cultura, México: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- CASTELLS, M. The Informational City - Information Technology, Economic Restructuring, and the Urban - Regional Process, Oxford: Blackwell Publishers, 1992.
- CHESNEAUX, J., Modernité - Monde, Paris: Éditions La Découverte, 1989.
- CLAVAL, P. Evolución de la Geografía Humana, Barcelona: Oikos - tau Ediciones, 1974.
- CORDEIRO, H. K., e BOVO, D. A., " A modernidade do espaço brasileiro através da rede nacional de telex.", Revista de Geografia. v. 52 n°1, jan / mar, 1990, p.107 - 55.
- CORDELLIER, S. E DIDIOT, B., O mundo hoje 95 / 96: Anuário Econômico e Geopolítico Mundial, São Paulo: Editora Ensaio, 1996.
- DAHRENDORF, R., O Conflito Social Moderno. Um ensaio sobre a política da liberdade, Tradução de Aguiar e Marco A. E. da Rocha, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora / EDUSP, 1992.
- DOLLFUS, O., "Le Système Monde", *in*: L' Information Géographique, n°54, Paris: Armand Colin, 1990.
- DOSSE, F., "A convidada de última hora: a geografia desperta para a epistemologia", *in*: DOSSE, História do Estruturalismo, vol. II Tradução de Álvaro Cabral, São Paulo: Editora da Unicamp, 1994, p.348.

- FERRARA, L., "O Mapa da Mina. Informação espaço e lugar" *in*: Santos, M., Souza, M. A., Scarlato, F. C., e Arroyo, M. (orgs.). O Novo Mapa do Mundo - Fim de Século e Globalização - São Paulo: Editora Hucitec - ANPUR, 1993.
- FREITAG, B., Itinerários de Antígona - A Questão da Moralidade. Campinas SP: Papyrus, 1992
- FRIEDMANN, G. 7 Estudos sôbre o Homem e a Técnica, Tradução de Antônio E. V. de Almeida, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- GATTI, E.U., "A evolução recente do setor de flores e plantas ornamentais no Brasil", *in*: Agricultura em São Paulo, Boletim Técnico do IEA, ano 35, Tomo Único, 1988.
- GEORGE, P., Le Métier de Géographe. Un demi-siècle de géographie. Paris: Armand Colin Éditeur, 1990.
- GIDDENS, A., As Conseqüências da Modernidade - Tradução de Raul Fiker, São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GOLDMANN, L. Ciências Humanas e Filosofia, Tradução de José A. Giannotti, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GONÇALVES, R., "Grupos econômicos: uma análise conceitual e teórica" *in*: Revista Brasileira de Economia, Rio de Janeiro, 45 (4): 492 - 518, out. / dez, 1991.
- GRABOIS, J., Os Anéis da Dependência, Estudo Geográfico da Floricultura em Barbacena, Tese de Doutorado, FFCL - USP - São Paulo: 1978. (mimeo)
- GREGORY, D., "Space, Time and Politics in Social Theory: an Interview with Antony Giddens", Environment and Planning D: Society and Space, 2, 123 - 32, 1984.
- GRIGG, D., "The Logic of Regional Systems" *in*: Annals of the Association of American Geographers, v.55, 1965, n°3, p.465.
- HABERMAS, J., "Textos de Jürgen Habermas" - 'Técnica e Ciência enquanto Ideologia', *in*: Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- HABERMAS, J., Para a Reconstrução do Materialismo Dialético, Tradução Carlos N. Coutinho, São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, 2ª ed.1990.

- HARTSHORNE, R. "Exceptionalism in Geography" (re)-examined. *in: Annals of the Association of American Geographers*, v. XLV, Sept, 1955, n°3, p.205.
- HARVEY, D., A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HELLER, A., Sociología de la Vida Cotidiana, Barcelona: Ediciones Península, 1ª ed. 1977, 3ª ed. 1991.
- IANNI, O., A Sociedade Global, São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1992.
- IANNI, O., Teorias da Globalização, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- JAPIASSU, H e MARCONDES, D., Dicionário Básico de Filosofia, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.
- JENCKS, C., What is Post-Modernism? USA: St. Martin's Press New York / Academy Editions London, 1989.
- KARPIK, L., "Le capitalisme technologique", *in: Sociologie du Travail*, 1972, 13, (1).
- KOSIK, K., Dialética do Concreto, Tradução de Célia Neves e A. Toríbio, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986, 4ª ed.
- LACOSTE, Y., Entrevista à *Christian DESCAMPS* - Idéias Contemporâneas, Le Monde, São Paulo: Editora Ática, 24 de julho de 1983.
- LATOUCHE, S., Ocidentalização do Mundo, ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.
- LAUSCHNER, R., Agribusiness, Cooperativa e Produtor Rural, São Leopoldo, RS: Unisinos, 1993.
- LAVINAS, L., CARLEIAL, L. M. F.; NABUCO, M. R., (orgs.) Integração Região e Regionalismo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- LÉVY, P., As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática, Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LIPIETZ, A e LEBORGNE, D., "O Pós-fordismo e seu espaço, *in: Espaço & Debates*, São Paulo: Neru, Ano VIII, 1988b, n°25.
- LIPIETZ, A., O Capital e seu Espaço, São Paulo: Nobel, 1988a.

- LOUREIRO, M. R., (org.) Cooperativas Agrícolas e Capitalismo no Brasil, São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1981.
- LYOTARD, J. F., A Fenomenologia, Tradução Mary A. L. de Barros, São Paulo: Difusão Européia do Livro
- MARX, K. & ENGELS, F., A Ideologia Alemã (I - Feuerbach), São Paulo: Editora Hucitec, 1986, (5^a ed.)
- MARX, K., Capítulo Inédito d'o Capital: resultados do processo de produção imediato, Tradução M. Antonio Ribeiro, Porto: Publicações Escorpião, 1975.
- MARX, K., Manifesto Comunista, Tradução de Álvaro Pina, São Paulo: Editora Novos Rumos, 1986.
- MATTOS, C.A., "Reestructuración social, grupos económicos y desterritorialización del capital.", *in*: Llorens, F. A.; Mattos, C. A.; Funchs, J. R., Revolucion Tecnologica y Reestructuración Reproductiva: impactos y desafios territoriales, Buenos Aires: ILPES / ONU, IEU / PUC, Grupo editor latinoamericano, 1990.
- MORIN, E., Para sair do século XX, Tradução de Vera A. Harvey, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MORIN, E., Terra Pátria, Tradução Armando Pereira da Silva, Lisboa: Instituto Piaget, s / data.
- MÜLLER, G., "Competitividade e Negociações no Complexo Agroindustrial Brasileiro", *in*: Rascunho, n°20, Rio Claro, SP, 1992.
- MÜLLER, G., "Competitividade, Integração e Subdesenvolvimento", *in*: Rascunho, n°24, Rio Claro, SP, 1993.
- MÜLLER, G., "Observações sobre a Noção de Complexo Agroindustrial", *in*: Rascunho, n°19, Araraquara, SP, 1991.
- MÜNSTER. A., Ernest Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta, São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- ORTEGA Y GASSET, J., História como sistema. Mirabeau ou o político. Tradução de Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth H. C. Costa, Brasília: Editora Universidade de Brasília, c1982.

- ORTEGA, G. U. e LÓPES S. L., "Globalização e Fragmentação. O papel da cultura e da informação" *in*: Santos, M.; Souza, M. A.; Scarlato, F. C. e Arroyo, M. (orgs.) O Novo Mapa do Mundo - Fim de Século e Globalização, São Paulo: Editora Hucitec - ANPUR, 1993.
- ORTIZ, R. A Moderna Tradição Brasileira - Cultura Brasileira e Indústria Cultural, São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- PEET, R., "Spatial Dialectics and Marxist Geography", Progress in Human Geography, 5, 105 - 10, 1981.
- PETRELLA, R., "La mondialisation de la technologie et de l'économie: une (hypo)thèse prospective." *in*: Futuribles, n°135, septembre, 1989.
- PIAGET, J., "As Correntes da Epistemologia Científica Contemporânea" *in*: Piaget, J. Lógica e Conhecimento Científico, Porto: Livraria Civilização Editora, 1981.
- PIORE, M. J.; SABEL, C. F., The Second industrial divide: possibilities for prosperity. New York: Basic Books, 1984.
- PRÉTECEILLE, E., "Cidades Globais e Segmentação Social", *in*: Ribeiro, L. C. de Queiroz, Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- RIBEIRO, A., C., T., "Matéria e Espírito: O poder (des) organizador dos meios de comunicação, *in*: Piquet e Ribeiro, Brasil Território da Desigualdade: descaminhos da modernização, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora: Fund. Univ. José Bonifácio, 1991.
- RICHTA, R., Economia Socialista e Revolução Tecnológica, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.
- RICOEUR, P., Do Texto à Ação - Ensaio de Hermenêutica II, Portugal: Rés-Editora, 1986.
- SANTOS, M. "O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica", *in*: Terra Livre - O Espaço em Questão, São Paulo: Marco Zero e AGB, 1988a.
- SANTOS, M., " O Período Técnico-Científico e os Estudos Geográficos", *in*: Revista do Depto. de Geografia, n°4, 1985.
- SANTOS, M., A Urbanização Brasileira, São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- SANTOS, M., Espaço e Método, São Paulo: Nobel, 1985.

- SANTOS, M., Por uma Economia Política da Cidade: O Caso de São Paulo, São Paulo: Editora Hucitec / Educ, 1994.
- SANTOS, T., Revolução Científico-Técnica e Capitalismo Contemporâneo, Tradução de Hugo Boff, Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- SAUER, C., The Morphology of Landscape, Univ. California, Los Angeles, 1925.
- SAYY, M. et VELTZ, P., (dirigé), Économie Globale et Réinvention du Local. France: Éditions de l'Aube, 1995.
- SAYER, A. "Explanation *in* Economic Geography: Abstraction versus Generalization", Progress in Human Geography, 6, 68 - 88, 1982.
- SCHAFF, A., A Sociedade Informática, São Paulo: Editora Unesp / Editora Brasiliense, 1990.
- SILVA, A. C., O Espaço Fora do Lugar, São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- SILVA, J. G., "Complexos Agroindustriais e outros Complexos", *in*: Reforma Agrária, Abra, 21 (3), set - dez, 1991, pp.5 - 34.
- SILVA, J. G., "Industrialização e a Urbanização da Agricultura Brasileira", *in*: Brasil em Artigos (coletânea de textos) - Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo: Seade, 7 (3), jul - set, 1993, pp.2 - 10.
- SILVEIRA, M.L., "Modernização agrícola, produtividade espacial e guerra de mercados, o exemplo da Patagônia Norte (Argentina)" *in*: Revista do Departamento de Geografia, FFLCH - USP, 1995, nº 9.
- SIMMEL, G., El Individuo y la Libertad - Ensayos de crítica de la cultura, Barcelona: Ediciones Peninsula, 1986.
- SIMONDON, G., Du mode d'existence des objets techniques, France: Editions Aubier, 1958, 1969, 1989.
- SOJA, E. W., Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.
- SOUZA, M. A., Governo Urbano, São Paulo: Nobel, 1988.
- STEIN, E., Seis Estudos sobre "Ser e Tempo", Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- STORPER, M. e CHRISTOPHERSON, S., "Flexible Specialization and Regional Industrial Agglomerations", Annals of American Geographers, 77, 104 - 17, 1987.

- VATTIMO, G., A Sociedade Transparente, Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- VATTIMO, G., Introdução a Heidegger, Lisboa: Edições 70, 1987.
- WHITEHEAD, A. N., O Conceito de Natureza, Tradução de Júlio B. Ficher, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1993.
- WHITEHEAD, A. N., A Função da Razão. Tradução de Fernando Vieira, 2ªed., Brasília: Editora UNB, 1988, c1929.
- WILLIAMS, R., O Campo e a Cidade na História e na Literatura, São Paulo: Companhia. das Letras, 1989.
- ZYLBERSZTAJN, D.; FARINA, E. M. M. Q.; SANTOS, R. C., O Sistema Agroindustrial do Café, Porto Alegre: Ortiz, 1993.

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffe.ch.usp.br/>.



1971-2021